



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

FRANCISCO JADER BARBOSA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE O ENDIVIDAMENTO E O BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM
LEVANTAMENTO COM DISCENTES DA UFC**

FORTALEZA
2020

FRANCISCO JADER BARBOSA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE O ENDIVIDAMENTO E O BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM
LEVANTAMENTO COM DISCENTES DA UFC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Administração, do Departamento de
Administração, da Faculdade de Economia,
Administração, Atuária e Contabilidade, da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Administração

Orientador: Prof. Dr. Áurio Lucio Leocádio da
Silva.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S58r Silva, Francisco Jader Barbosa.
A RELAÇÃO ENTRE O ENDIVIDAMENTO E O BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM
LEVANTAMENTO COM DISCENTES DA UFC / Francisco Jader Barbosa Silva. – 2020.
76 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia,
Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Atuariais, Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Aurio Lúcio Leocádio da Silva.

1. Endividamento . 2. Bem-estar financeiro . 3. Estudantes universitários . I. Título.

CDD 368.01

FRANCISCO JADER BARBOSA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE O ENDIVIDAMENTO E O BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM
LEVANTAMENTO COM DISCENTES DA UFC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Administração, do Departamento de
Administração, da Faculdade de Economia,
Administração, Atuária e Contabilidade, da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aurio Lúcio Leocádio da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Márcia Zabdiele Moreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Bruno Chaves Correia Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, amigos e familiares.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus, pela concessão do dom da vida e pelas graças concedidas diariamente.

Aos meus pais, Damião António e Márcia Barbosa, pelo esforço imensurável em propiciar uma educação de qualidade e por me ensinar desde cedo seus valores relacionados a valorização do trabalho, da honestidade, do respeito e da perseverança. Também, por serem os parceiros mais fiéis e mais presentes nos momentos de maior dificuldade.

Aos meus amigos de infância, Hugo Sousa, Vanderson Rodrigues, Lucas Nunes, Yuri Silva e Claudênio Moura, por me incentivarem ao longo desta caminhada.

Aos amigos da Universidade Federal do Ceará, em especial a Monyque Holanda que esteve presente em toda essa caminhada, motivando, arrancando sorrisos e servindo como ponto de apoio nos períodos que mais precisei. Sem dúvidas, sem esse apoio o presente trabalho não seria possível.

Ao professor Aurio Leocádio, por suas aulas inspiradoras, pelo profissionalismo, zelo e disponibilidade com o qual lidou com toda a orientação da pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que forma direta ou indireta me ajudaram para a realização deste sonho.

“Um dia aprendi que sonhos existem para tornarem-se realidade. E, desde aquele dia, já não durmo pra descansar. Simplesmente durmo para sonhar.”

Walt Disney

RESUMO

É crescente as problemáticas associadas à vida financeira dos universitários, sobretudo em períodos de crises financeiras e pandemias. Nesse contexto, a discussão acerca de temáticas relacionadas ao endividamento e o Bem-estar financeiro dos estudantes se tornam cada vez mais importantes. Nesse sentido, o objetivo principal desta pesquisa é estudar a relação entre o endividamento e o Bem-estar financeiro de estudantes universitários pertencentes a Faculdade de economia, administração, atuária e contabilidade da Universidade Federal do Ceará. Para tanto, buscou-se entender o perfil de endividamento, demográfico e de avaliação do Bem-estar financeiro da amostra. Para embasar a pesquisa, foi desenvolvido referencial teórico com base nos estudos sobre o endividamento, indicando suas definições, causas e consequências, assim como as conceituações, definições e principais aspectos sobre o Bem-estar financeiro. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionário online com componentes do grupo amostral, os quais com idade entre 18 e 42 anos. A partir da coleta e análise dos dados, foi possível inferir que pessoas com maior renda, idade e estabilidade financeira foram mais inclinados a maiores níveis de endividamento, o cartão de crédito figurou como um dos principais itens do comprometimento de renda, os indivíduos com maior incidência dívidas são mais inclinados a avaliar negativamente seu bem-estar financeiro e terem expectativas mais negativas no que tange a seu futuro financeiro, sendo as principais razões para o endividamento surgimento de novas necessidades, desemprego, doenças, separação, fatores econômicos, falta de controle orçamentário e compras por impulso. Tais fatos, tendo como foco o método de análise quantitativo dos dados.

Palavras-chave: Endividamento. Bem-estar financeiro. Estudantes universitários.

ABSTRACT

The problems associated with the financial life of university students are growing, especially in periods of financial crises and pandemics. In this context, the discussion about topics related to the indebtedness and the financial well-being of students becomes increasingly important. In this sense, the main objective of this research is to study the relationship between indebtedness and the financial well-being of university students belonging to the Faculty of Economics, Administration, Actuaries and Accounting at the Federal University of Ceará. To this end, we sought to understand the profile of indebtedness, demographics and the evaluation of financial well-being in the sample. To support the research, a theoretical framework was developed based on studies on indebtedness, indicating its definitions, causes and consequences, as well as the concepts, definitions and main aspects of financial well-being. The data were obtained through the application of an online questionnaire with components of the sample group, who were aged between 18 and 42 years. From the collection and analysis of the data, it was possible to infer that people with higher income, age and financial stability were more inclined to higher levels of indebtedness, the credit card figured as one of the main items of income commitment, individuals with higher incidence debts are more inclined to negatively assess their financial well-being and have more negative expectations regarding their financial future, the main reasons for indebtedness being the emergence of new needs, unemployment, illness, separation, economic factors, lack of control budgeting and impulse purchases. Such facts, focusing on the method of quantitative analysis of the data..

Keywords: Indebtedness. Financial well-being.College Students.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Indagações da pesquisa	38
Quadro 2 – Principais resultados da pesquisa	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo dos participantes	40
Gráfico 2 – Faixa etária.....	41
Gráfico 3 – Curso.....	41
Gráfico 4 – Principal fonte de renda.....	42
Gráfico 5 – Principal fonte de renda X endividamento médio.....	43
Gráfico 6 – Renda familiar mensal.....	44
Gráfico 7 – Número de filhos.....	44
Gráfico 8 – Estado civil.....	45
Gráfico 9 – Predominância de comprometimento de renda.....	46
Gráfico 10 – Nível de comprometimento de renda.....	47
Gráfico 11 – Motivações para o endividamento.....	48
Gráfico 12 – Tempo de comprometimento de renda.....	49
Gráfico 13 – Aumento do endividamento nos últimos dois meses.....	49
Gráfico 14 – Realização de novas dívidas	50
Gráfico 15 – Afirmativa 1	51
Gráfico 16 – Afirmativa 2	52
Gráfico 17 – Afirmativa 3	53
Gráfico 18 – Afirmativa 4.....	53
Gráfico 19 – Afirmativa 5.....	54
Gráfico 20 – Afirmativa 6.....	55
Gráfico 21 – Afirmativa 7.....	55
Gráfico 22 – Afirmativa 8.....	56
Gráfico 23 – Afirmativa 9.....	57
Gráfico 24 – Afirmativa 10.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Correlação com a visão financeira futura	59
Tabela 2 - Correlação do valor das dívidas	60
Tabela 3- Correlação do uso do cartão de crédito.....	61
Tabela 4 - Correlação da Aquisição de empréstimos	62
Tabela 5 - Correlação da aquisição de financiamentos	63
Tabela 6 - Correlação com o uso de cheque especial.....	64
Tabela 7 - Correlação do Crescimento do endividamento	65
Tabela 8 - Correlação da renda	66
Tabela 9 - Correlação do tempo de endividamento	67
Tabela 10 - Correlação do estado civil.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABECS	Associação Brasileira das Empresas de Cartão de Crédito
BEF	Bem-Estar Financeiro
CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEC	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Problema de Pesquisa	15
1.2 Objetivo Geral	15
1.3 Objetivos específicos	15
1.4 Justificativa	16
1.5 Divisão das seções	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Bem-Estar Financeiro	18
2.1.1 Relação de variáveis pessoais e o bem-estar financeiro	21
2.1.2 Determinantes do Bem-estar financeiro	23
2.1.3 Comportamento financeiro	23
2.1.4 Atitudes, habilidades e motivações	24
2.1.5 Personalidade	24
2.1.6 Materialismo	25
2.2 Endividamento	26
2.2.1 Endividamento x Inadimplência	29
2.2.2 Variáveis que afetam o endividamento	29
2.2.3 Variáveis pessoais influenciadoras do endividamento	32
2.2.4 O endividamento e o público universitário	33
3 METODOLOGIA	35
3.1 Tipo de pesquisa	35
3.2 Sujeitos Da pesquisa	36
3.3 Coleta De Dados	36
3.4 Análise dos dados	39
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	40
4.1 Perfil dos entrevistados	40
4.2 Perfil de endividamento do grupo amostral	45
4.3 Autoavaliação do Bem-estar financeiro dos indivíduos	50
4.4 Análise da relação entre endividamento, tipo de endividamento e variáveis demográficas	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72

APÊNDICE A -TABELA DE CORRELAÇÃO DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS	77
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Associação Brasileira das Empresas de Cartão de Crédito (ABECS), o consumo, ao longo das décadas, foi cada vez mais facilitado e dinamizado devido a evolução dos meios de pagamento. Desde o comércio baseado no escambo até o surgimento de meios comerciais como as moedas, as notas, o dinheiro plástico (Cartões), os cheques, crediários e outros (ABECS, 2018).

O progresso do aumento da variedade dos meios de pagamento proporcionado pela criação e desenvolvimento da rede bancária nacional e internacional fez emergir uma nova realidade de consumo, no que diz respeito à relação do consumidor com o consumo. Tais como a disponibilidade de transações vinte quatro horas por dia, não necessidade de portar dinheiro físico, rapidez, flexibilidade nas compras e maior acesso creditício (ABECS, 2018).

Parker, Haytko e Herman (2009) afirmam que o aumento do acesso ao crédito, da variedade dos produtos financeiros, aliados a uma cultura, em nível de sociedade, de consumo exagerado corroboram para a formação de um perfil de consumo inclinado ao endividamento.

Apesar da fácil associação do endividamento com a renda, Denegri (2007) explica que o fenômeno é fato recorrente nas mais variadas classes sociais e ultrapassa variáveis e aspectos meramente financeiros. Ao longo dos anos, os escritos acerca da temática mostram que a compreensão das causas do endividamento vem se distanciando das questões relacionadas à limitação financeira e se tornado cada vez mais diversa e com inúmeras interpretações. Variáveis como perfil familiar, estilo de vida, problemas emocionais, conhecimento financeiro, nível educacional, problemas familiares são encontrados nas literaturas sobre endividamento como influenciadores desta problemática (DEAN et al., 2013).

Vieira *et al.* (2016) inferem que com a maior facilidade de contato ao crédito e com a possibilidade de escolha para o pagamento dos compromissos financeiros cada vez mais direcionado para o longo prazo, o valor da renda comprometido com as dívidas tende a aumentar em uma linha temporal de curto e médio prazo. Nesse cenário, alavancando o nível de endividamento familiar.

Além disso, conforme divulgação da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), ao final de 2019, cerca de 65% das famílias brasileiras tinham débitos associados a empréstimos ou compras a prazo. O fato é explicado a partir de variados fatores, mas principalmente pela disparidade econômica financeira no que diz respeito a relação renda e juros (VALOR ECONÔMICO, 2020).

Quando comparados os anos de 2018 e 2019 o crescimento da massa salarial brasileira foi de 2,5%. Contudo, o crescimento das taxas acordadas entre clientes e organizações financeiras representou aumento de 14,7%. O relatório supõe que, para um desenvolvimento macroeconômico saudável, o ideal seria o crescimento de forma aproximada das duas grandezas (VALOR ECONÔMICO, 2020).

Paralelo ao crescente impacto dos problemas relacionados ao endividamento, surgem inúmeros estudos e áreas do conhecimento com intuito de entender e explicar os fenômenos associados a esta problemática. No referido cenário, o bem-estar financeiro é situado em um destes componentes (FRAGA *et al.*, 2016).

O bem-estar financeiro pode ser entendido como a compreensão ou avaliação que o indivíduo tem sobre sua condição financeira atual, quando vislumbra seu nível de comprometimento de renda atual e perspectivas de planos futuros. A referida métrica pode ser influenciada de forma direta pelo endividamento ou por fatores pessoais, comportamentais e emocionais (FRAGA *et al.*, 2016).

Este estudo aborda a relação entre o endividamento e bem-estar financeiro como ferramenta de aprofundamento dos inúmeros estudos sobre as temáticas associadas a problemas financeiros, pois são existentes escritos sobre os dois temas, mas de forma isolada, sem a correlação direta sobre a relação entre as duas variáveis. Pois o bem-estar financeiro pode ou não ser associado ao comprometimento das despesas pessoais e familiares com as dívidas, visto que a avaliação contém aspectos que vão muito além das questões financeiras objetivas, passando a integrar fatores pessoais e de características subjetivas (FRAGA *et al.*, 2016).

1.1 Problema de Pesquisa

Diante do exposto, surge a seguinte hipótese para linha de investigação: Qual a relação entre o endividamento e o bem-estar financeiro dos estudantes ?

1.2 Objetivo Geral

No referido cenário, se objetiva analisar a relação do endividamento para o bem-estar financeiro dos estudantes universitários.

1.3 Objetivos específicos

Para o alcance do objetivo, foram traçados objetivos específicos, visando a realização de forma sequencial do objetivo central do estudo. São estes: mensurar o nível de endividamento dos estudantes, identificar a percepção do bem-estar financeiro e relacionar o endividamento com o bem-estar financeiro dos sujeitos da pesquisa.

1.4 Justificativa

O presente estudo é atual e importante para o perfil da sociedade contemporânea, o qual caracterizado pelo consumo excessivo, dada as suas especificidades de características pessoais, demográficas, familiares, emocionais e comportamentais. Bernthal, Crockett e Rose (2005), por exemplo, afirmam que o aprofundamento de uma cultura de consumo desenfreado tem contribuído para o crescimento do endividamento pessoal. Como citado, principalmente através dos grandes veículos de divulgação e análise estatística do perfil de consumo das famílias brasileiras, é crescente as problemáticas relacionadas ao endividamento, este capaz de influenciar demasiadas áreas da vida pessoal e profissional dos indivíduos nos mais variados níveis de impactos. Números recentes, divulgados pelo banco central, demonstram que é crescente o percentual de comprometimento da renda familiar mensal com as dívidas, critério o qual é o mais importante para avaliar o poder de compra das famílias. A média de percentual comprometida com obrigações financeiras avançou em 20% quando comparado ao ano de 2019 (VALOR ECONÔMICO, 2020). Como bojo da referida linha investigativa, surgem constructos como o bem-estar-financeiro associado a avaliação pessoal de quão boa é sua relação com o gerenciamento das finanças pessoais e até que ponto essa variável pode afetar de forma decisiva as escolhas e vida pessoal dos consumidores. BRUGGE et al (2017) afirmam que o crescimento da importância e de estudos referente a esta área do conhecimento é fruto dos impactos dos problemas financeiros nas mais variadas áreas da vida das pessoas, dentre elas o bem-estar financeiro. Nesse tocante, destacando-se, principalmente, os estudos de Diniz (2017) e Fragra (2016) com essa perspectiva de análise do BEF.

1.5 Divisão das seções

A pesquisa está dividida em 5 seções, na primeira seção situa-se a parte introdutória do estudo, na qual se discute o tema e as iniciais associadas a problemática, também os objetivos de pesquisa, assim como a justificativa para a realização do presente trabalho de conclusão de curso. Na segunda seção são apresentados os preceitos teóricos do trabalho, evidenciando desde os conceitos inerentes ao bem-estar financeiro, seus principais componentes e relevância para a vida financeira das pessoas até as principais concepções sobre o endividamento, descrevendo suas causas e possíveis impactos. Na terceira seção são percorridos os processos metodológicos da pesquisa, os sujeitos participantes e o método utilizado para a coleta de dados. Na quarta seção é analisado de forma crítica os resultados inferidos a luz da teoria dos construtos apresentados. Por fim, a quinta seção é composta pela descrição dos aspectos conclusivos da

pesquisa, indicando as explicações acerca do atingimento do objetivo principal e dos objetivos específicos, sua importância, suas limitações e possíveis sugestões para linhas de pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será abordado o referencial teórico sobre as temáticas que embasam o presente trabalho. Inicialmente, são apresentados os aspectos sobre as definições e variáveis capazes de influenciar o Bem-estar financeiro. Posteriormente, serão explorados a definição, os aspectos e variáveis que influenciam o endividamento dos indivíduos.

2.1 Bem-Estar Financeiro

É crescente a importância da vida financeira como componente do bem-estar geral das pessoas e de seus núcleos familiares. A importância pode ser explicada pois as questões inerentes a vida financeira têm a capacidade de determinar o padrão de vida, atividades que podem realizar, a possibilidade de aquisições de bens e a conquista de objetivos. Além disso, devido ao impacto que a vida financeira, formalmente denominada bem-estar financeiro, exerce nas mais variadas áreas da vida das pessoas como saúde, satisfação e família (CVM, 2020).

O bem-estar financeiro pode ser entendido como a percepção que o indivíduo tem em relação a capacidade de manter seus padrões de gastos financeiros atuais e futuros (DINIZ, 2013).

Nesse cenário, o nível de bem-estar financeiro é entendido como uma classificação pessoal. Diante disso, as pessoas podem classificar seu bem-estar financeiro como alto, médio ou baixo, independentemente de sua condição financeira. Indivíduos com a mesma renda podem avaliar de diferentes formas seu bem-estar que pode ser influenciado por fatores pessoais, familiares, demográficos, escolaridade, sexo, idade, estado civil, fatores macroeconômicos e outros (DINIZ, 2013).

Além de pessoal, a percepção de bem-estar financeiro é dinâmica ao longo do tempo. Dadas as possíveis mudanças ocorridas na vida dos indivíduos, sua percepção pode ser alterada. Acontecimentos como conseguir um emprego, ser demitido, casar, receber herança, crises econômicas, facilidade de crédito, podem ao longo tempo alterar seu nível de bem-estar financeiro (PONCHIO *et al.*, 2018).

O bem-estar financeiro vem sendo estudado em diversas áreas do conhecimento, tais como psicologia, finanças, economia, marketing e outras. Apesar disso, não é possível estabelecer uma definição globalmente utilizada, assim como seus componentes (BRUGGE *et al.*, 2017).

Devido a generalidade acerca da definição desta temática, os tipos de definições existentes podem ser agrupados em três grupos: O primeiro refere-se à definição do bem-estar financeiro com características objetivas. O segundo diz respeito ao uso do conceito com

critérios subjetivos. Por fim, o último classifica o conceito com critérios tanto objetivos como subjetivos (BRUGGE *et al.*, 2017).

Os estudos associados ao primeiro grupo utilizam medidas como índices financeiros, condições macroeconômicas, renda, a capacidade pessoal e familiar em aumentar seus recursos financeiros. Como exemplos, é válido citar os escritos de Greninger, Hamptom e Achacoso (1996), Joo e Grable (2014) e Kahneman e Deaton (2010) (BRUGGE *et al.*, 2017).

A segunda linha de pensamento discorre a ideia de bem-estar financeiro com a perspectiva subjetiva e tem como função auxiliar os pesquisadores a analisar a percepção e a reação dos indivíduos sobre sua condição financeira. Pessoas em condições semelhantes (em medidas objetivas, como ativos ou renda) podem perceber seu bem-estar financeiro de modo diferente. Estudos indicam a importância das características pessoais, comportamentais e financeiras como fatores determinantes para a compreensão da percepção do bem-estar (BRUGGE *et al.*, 2017).

A capacidade percebida em arcar com as despesas, a capacidade de poupar, investir e a tendência em se preocupar com as dívidas são caracterizadas como medidas subjetivas de avaliação. Autores defensores desta perspectiva inferem que a percepção subjetiva é mais abrangente e tem a capacidade de identificar até mesmo problemas não financeiros, sendo assim o direcionamento mais completo para o entendimento e estudo do bem-estar financeiro (BRUGGE *et al.*, 2017).

A terceira via de pensamento estabelece o conceito composto através da utilização das realidades objetivas e subjetivas. Para a referida linha de conceituação a mescla entre as duas variáveis de medidas seria capaz de compreender com maior nível de profundidade o bem-estar financeiro (BRUGGE *et al.*, 2017).

Uma escala importante para a medição do bem-estar financeiro trata-se da “*perceived financial well-being*” proposta por Netemeyer *et al* (2018), a qual estabelece que o bem-estar financeiro é formado pela percepção dos indivíduos em relação segurança financeira esperada no futuro e sobre o estresse da gestão financeira atual. A dimensão de segurança financeira futura abrange a percepção pessoal em relação a capacidade em cobrir gastos não programados, segurança financeira e cumprir metas no futuro (PONCHIO *et al*, 2018).

Já a dimensão de segurança financeira atual está associada a sensação de preocupação em relação a situação financeira presente, levando em conta sua capacidade de gerenciar o dinheiro objetivando cumprir obrigações financeiras correntes. (PONCHIO *et al.*, 2018).

Inúmeros escritos mostram que níveis crescentes do nível de estresse sobre as finanças atuais supõe níveis mais baixos de segurança para a realização de metas financeiras futuras. Além disso, comportamentos positivos e um bom nível de educação financeira estão associados com um maior nível de segurança futura. (PONCHIO *et al.*, 2018).

Além dos aspectos estudados, o Bem-estar financeiro pode ser compreendido, também, através de quatro componentes principais: Controle financeiro, tranquilidade financeira, objetivos de vida e liberdade financeira (CVM,2020).

O controle financeiro diz respeito à capacidade dos indivíduos de gerenciar de forma coerente e planejada os recursos financeiros individuais e familiares. A conquista do controle financeiro é desenvolvida através do conhecimento detalhado das despesas correntes e futuras, consumo consciente e planejamento de longo prazo. Ademais, o constructo está associado a forma como o consumidor lida com o endividamento e o acesso ao crédito. Consumidores racionais tendem a ter melhor relação com o crédito, menores níveis de endividamento e melhores níveis de bem-estar financeiro (CVM,2020).

A tranquilidade financeira, também conhecida como segurança financeira, significa a capacidade das pessoas atravessarem situações imprevisíveis e não esperadas sem que a vida financeira seja afetada de forma significativa. Assim, indivíduos com capacidade financeira são capazes de perpassar por situações como crises macroeconômicas, desemprego, problemas de saúde e outros, têm níveis mais elevados de bem-estar. A tranquilidade financeira pode ser construída por meio de um planejamento financeiro orientado a poupança, aplicação em investimentos e aquisição de instrumentos como seguros, previdências e fundos emergenciais (CVM,2020).

Como objetivos de vida entende-se as metas estabelecidas, no que diz respeito a conquista pessoais e materiais em uma linha temporal de médio e longo prazo. A existência de um objetivo claro e possível faz com que as pessoas estabeleçam planejamento que objetivam conquistá-lo. Além do planejamento dos sonhos, indivíduos com objetivos definidos tendem a planejar aposentadoria, aquisição bens de grande importância e outros, impactando de forma positiva o bem-estar (CVM,2020).

Por fim, a liberdade financeira é entendida como a capacidade do indivíduo em realizar ações e aquisições, as quais não estão orbitando no consumo corrente deste. Por exemplo, a realização de uma viagem ou possibilidade de largar o emprego visando a busca por novas oportunidades, sem causar impactos consideráveis aos recursos financeiros (CVM,2020).

2.1.1 Relação de variáveis pessoais e o bem-estar financeiro

Como já identificado, inúmeros fatores influenciam o nível de bem-estar financeiro. São exemplos: O estado civil, ter ou não filhos, grau de escolaridade e gênero. Alguns autores abordaram a relação destas variáveis com o bem-estar financeiro.

Sobre o fator gênero, conforme Gutter e Copur (2011), os homens são menos afetados com relação a preocupação ou stress na gestão das finanças. Sendo assim possuidores de níveis mais elevados de bem-estar financeiro. Confirmando a ideia da perspectiva de gênero Leach, Hayhoe e Turner (1999) inferem que o público feminino apresenta níveis mais altos quando a temática é autopercepção financeira. (FRAGA *et al.*, 2017).

A variável grau de escolaridade pode ser compreendida como fator positivo para avaliação do bem-estar financeiro. Apesar da existência de discordância entre autores da literatura desta temática. A partir do grau de escolaridade é possível inferir que as pessoas com maior nível de instrução tendem a ter maior nível de bem-estar financeiro. Assim como os indivíduos possuidores de maior renda, rendimentos e de maior idade (LOWN E JU,1992).

A linha de pensamento é confirmada por Penn (2007), o qual ratifica que as pessoas com maior nível educacional, principalmente as de nível superior, têm uma melhor autopercepção de seu bem-estar financeiro, dado que a educação formal, de forma geral, está associada a melhores rendimentos, empregos e condições de trabalho.

Apesar de inúmeros estudos acerca do fator estado civil, não foram encontrados fatores que confirmem de forma efetiva a influência do estado civil do bem-estar financeiro. Sumarwan (1990) identificou que as pessoas casadas são mais inclinadas a se sentirem satisfeitas com o bem-estar financeiro, visto que é notória a maior disponibilidade de recursos e patrimônio a partir da junção de dois indivíduos.

Entretanto, para Gutter e Copur (2011), em seus estudos sobre bem-estar financeiro, identificaram que indivíduos solteiros teriam uma maior propensão a avaliar de forma positiva seu grau de bem-estar financeiro no que se refere às obrigações correntes e perspectivas futuras.

Já o fator idade é uma variável possuidora de concordância entre os autores da literatura de bem-estar financeiro, principalmente no que tange ao aumento da idade associado a elevação do bem-estar. Penn (2007), a partir de suas avaliações, indica que o nível de bem-estar financeiro desenvolve uma tendência de variação de acordo com a fase ou ciclo de idade. Para o autor, pessoas com idade maior que quarenta e menor que cinquenta e cinco anos apresentam uma espécie de “nível máximo” de segurança financeira.

Plagnol (2011) confirma a ideia de que pessoas com maior idade são mais propensas a avaliarem de forma positiva o nível de bem-estar financeiro. A tese é baseada em dois

constructos. O primeiro é que os indivíduos tendem a acumular recursos ao longo da vida, sendo os níveis deste acúmulo aumentado a medida que os anos passam. Além disso, com o passar do tempo, as pessoas passam a ter menos planos de longo prazo e aspirações individuais, assim diminuindo as perspectivas e aumentando sua avaliação de bem-estar financeiro.

A presença de filhos é fator determinante para a diminuição do bem-estar financeiro. Penn (2007) discorre que, apesar de ser uma métrica analisada de forma objetiva financeira, os custos inerentes a educação e criação de dependentes se tornam parte importante e responsável por diluir considerável poder financeiro dos pais.

A variável raça foi objeto de estudo em estudos sobre a temática bem-estar financeiro. Joo (2008), por exemplo, indagou em suas investigações com estudantes universitários, que as amostras com estudantes africanos estavam diretamente associadas à menor nível de bem-estar e maior nível de stress financeiro. A tese é confirmada por Gutter e Copur (2011), ao descobrirem que o bem-estar financeiro era afetado pela cor da pele (ou raça), identificando maiores níveis de autopercepção positiva financeira em indivíduos brancos.

Com relação a ocupação dos indivíduos ou o status relacionado ao seu emprego, compreende-se que a variável pode ser fator relevante para a avaliação de seu bem-estar. Sumrawan (1990) delimita que as pessoas desempregadas são mais propensas a condições psicológicas negativas seu nível de bem-estar financeiro, tal fato baseado na perda ou diminuição no nível de renda.

No que tange a variável renda, é possível identificar uma relação positiva entre renda e avaliação positiva do bem-estar financeiro. Delafrooz e Paim (2011) discorrem, através de seus estudos empíricos, que indivíduos com maiores níveis de renda, diversidade de investimentos e recursos tendem a ter melhores níveis de bem-estar financeiro. Corroborando com a tese Sumarwan (1990) salienta que existe relação positiva entre o aumento dos rendimentos e uma melhor avaliação do bem-estar.

Apesar da importância dos inúmeros fatores supracitados capazes de influenciar o nível de bem-estar financeiro. O nível de endividamento pessoal e familiar trata-se de um fator de extrema relevância para a compreensão e avaliação do bem-estar financeiro.

O BEF deve ser estudado e entendido dentro do contexto familiar e partir de seu estilo de vida, recursos financeiros disponíveis e projetados. É notável que quanto maior o nível de endividamento, com relação ao comprometimento da renda, maior será a dificuldade de gestão e manutenção financeira, podendo ocasionar em menores níveis de bem-estar financeiro. Nesse contexto, o aumento dos rendimentos, por exemplo, pode não ser tão relevante para o

aumento do bem-estar, caso os rendimentos estejam comprometidos com o endividamento (VLAEV e ELLIOTT, 2013).

2.1.2 Determinantes do Bem-estar financeiro

Nesta seção serão explorados os fatores determinantes para o conhecimento e avaliação do Bem-estar financeiro.

2.1.2.1 Comportamento financeiro

O comportamento financeiro diz respeito às decisões e ações das pessoas relacionadas a gestão pessoal e familiar das finanças. O comportamento financeiro pode ser ferramenta base para a compreensão e mensuração do bem-estar financeiro dos indivíduos. Para a compreensão do bem-estar financeiro é relevante estudo do comportamento dos indivíduos frente às finanças pessoais, sejam eles comportamentos destrutivos ou construtivos. Como exemplos de comportamentos financeiros destrutivos é possível citar atitudes como gastos excessivos, dívidas, consumo de fundos de emergência e pagamento de contas em atraso (BRUGGE *et al.*, 2017).

No referido cenário de comportamento financeiro, são evidentes inúmeras ações, sejam elas tomadas por iniciativas individuais, corporativas ou estatais, objetivando a correção e melhoramento dos comportamentos financeiros, para que estes se tornem comportamentos construtivos em uma linha temporal de médio e longo prazo. Formalmente, a supracitada ação pode ser denominada de “intervenção”. Os processos de intervenção têm como meta atingir a sustentabilidade financeira e comportamental dos consumidores. As intervenções são desenvolvidas por meio de ações como aconselhamento financeiro, educação financeira, intervenções estruturais (benefícios fiscais, incentivo a formação de poupança), políticas econômicas, abordagens de comunicação direcionadas para mudança de comportamento, inscrição automática dos funcionários em planos de aposentadoria e outros (BRUGGE *et al.*, 2017).

Para a efetividade do comportamento financeiro coeso, as intervenções são balizadoras de atitudes corretas e direcionadas ao sucesso financeiro. São exemplos pagamentos das contas em dia, planejamento da aposentadoria, estabilização financeira, gestão financeira em situações de incerteza como doenças, mortes e crises financeiros, assim, afetando positivamente o bem-estar financeiro (BRUGGE *et al.*, 2017).

2.1.2.2 Atitudes, habilidades e motivações

Ao longo dos anos, a literatura sobre BEF esteve direcionada para a compreensão da existência ou não de habilidades necessárias para a prática de ações que agregassem comportamentos financeiros sólidos. Também, se o analfabetismo financeiro, falta de motivação, ou capacidade são razões pelas quais muitos indivíduos não conseguem acumular recursos ou desfrutar de que uma maior segurança financeira (VIEIRA *et al.*, 2016).

Além dos fatores citados, outros aspectos impactam de forma considerável o bem-estar e a forma de consumir das pessoas. As pressões sociais são exemplos disto. Inúmeras vezes ao dia, consumidores tomam decisões sobre escolhas de consumo, as quais acreditam ser fruto apenas de suas crenças e preferências, no entanto, diversas vezes, existem grandes influências sociais relacionados ao processo de compra. No diz respeito às escolhas, é possível citar dois fatores psicológicos de grande relevância para a concretização destas: Quando as escolhas sofrem influência dos valores sociais e quando os indivíduos seguem a opinião da maioria (VIEIRA *et al.*, 2016).

É inegável as características dos seres humanos inerentes à sociabilidade. Para a convivência em sociedade, inúmeras informações e regras sobre como se deve agir e sobre como devemos ser. No referido cenário, as mais diversas mídias “bombardeiam” os consumidores com informações que induzem ao consumo, objetivando explorar as frustrações diárias das pessoas que visam a adequação aos valores e padrões estabelecidos. Com isso, é desenvolvida a crença de o consumo é um caminho para a felicidade ou para a satisfação momentânea (VIEIRA *et al.*, 2016).

Além disso, a opinião da maioria é outro fator social relacionado a escolhas de consumo das pessoas. O processo de escolha que leva em conta a escolha da maioria é desenvolvido através da adequação social das opiniões e escolhas os grupos sociais e de preferência dos quais os indivíduos participam. (VIEIRA *et al.*, 2016).

2.1.2.3 Personalidade

Apesar da existência de estudos que relacionam fatores demográficos e sociais ao bem-estar financeiro, não é possível, de forma clara, o entendimento do comportamento dos consumidores através de uma divisão significativa em segmentos que explicam o comportamento financeiro ou o bem-estar financeiro (BRUGGE *et al.*, 2017).

O estudo da personalidade pode acrescentar informações com o objetivo de entender as diferenças do bem-estar financeiro entre pessoas semelhantes no que tange os aspectos demográficos. Inúmeros escritos demonstram os impactos das características pessoais

se relacionam fortemente com o bem-estar financeiro. Nesse contexto, fatores inerentes à personalidade podem ser responsáveis por predispor as pessoas experimentarem diferentes níveis de bem-estar. Ante o exposto, fica clara a influência e capacidade de modificação do comportamento financeiro de fatores como propensão a planejar, influências interpessoais, confiança, valores no que diz respeito a consumo, gastos e formação de poupança. (BRUGGE *et al.*, 2017).

2.1.2.4 Materialismo

Com o desenvolvimento de um perfil de sociedade cada vez mais inclinado ao consumo, valores e pretensões materialistas têm se tornado cada vez mais notórios. O materialismo pode ser entendido como o direcionamento do indivíduo ao consumo (MOURA, 2005).

Os preceitos do materialismo podem ser estudados a partir de três perspectivas: A felicidade, a centralidade e o sucesso. A felicidade diz respeito ao nível de crença de que aquisições e posses acarretarão em bem-estar, satisfação e consequente felicidade. A centralidade refere-se a importância que as pessoas atribuem aos seus bens e aquisições, nesse sentido, trata-se da interpretação de como os bens materiais são centrais para cada indivíduo. Já o sucesso pode ser explicado como a tendência das pessoas em julgar a si e aos outros pela quantidade e até mesmo qualidade das posses (RICHINS e DAWSON, 1992).

As variáveis inerentes as causas do materialismo podem ser compreendidas usando como princípio diferentes direcionamentos. Por exemplo, são influenciadores do materialismo variáveis financeiras, variáveis comportamentais psicológicas. Sendo os impactos positivos e negativos do materialismo presente até mesmo em núcleos familiares com restrição financeira, assim, não tendo necessariamente relacionado a questões financeiras (PONCHIO e ARANHA, 2008)

O materialismo impacta o bem-estar financeiro das pessoas em variados cenários e níveis. Em nível individual, pode haver impacto positivo, o qual passa a ser consequência da vontade do indivíduo em alcançar metas financeiras e adquirir bem de consumo. Analisando os aspectos negativos, podem ser citados a influência direta em fatores como bem-estar psicológico, financeiro e satisfação com a vida. Em um cenário social, os aspectos positivos do materialismo são relacionados a progressão do consumo, o qual é capaz de dinamizar e proporcionar sustentabilidade as economias. Já do ponto de vista social, em termos negativos, é explicado por meio do aumento do consumo desenfreado e desnecessário servindo como base

para futuras gerações e se tornando cada vez mais potencialmente perigoso (KILBOURNE e LAFORGE, 2010).

2.2 Endividamento

Em razão do grande impacto causado na sociedade, os estudos direcionados à compressão do endividamento vem crescendo de forma considerável nos últimos anos. Apesar de sua relevância, a maioria dos estudos presentes são relacionados a análise dos fatores causadores da problemática, não abordando, no entanto, de forma clara sua definição. Nesse contexto, enfraquecendo a orientação teórica do construto, dado que a conceituação é fator determinante para a compreensão e delimitação dos objetivos de pesquisa (CARVALHO *et al.*, 2017).

Para Marques e Cavallazi (2006) trata-se do compromisso que o consumidor estabeleceu em pagar suas dívidas atuais e futuras. O endividamento também pode ser compreendido como resultado de acordo contratual entre devedor e credor, definindo previamente valores relacionados a débitos, prazos e obrigações entre si (CHAWLA E UPPAL, 2013).

Para Carvalho *et al* (2017) o conceito pode ser definido como uma espécie de desvio cognitivo caracterizado pelo desequilíbrio no processo de tomada de decisão, acarretando em interpretações e escolhas equivocadas. Contreras *et al* (2016) discorrem que o endividamento como uma obrigação existente que será extinta após o pagamento, neste caso tipificando o consumo antecipado o qual basta a contração da dívida para o enquadramento do indivíduo como endividamento.

Quando o consumidor se torna incapaz de honrar suas responsabilidades financeiras, deixando de pagar suas despesas correntes de forma prolongada, indo além dos aspectos do endividamento chegando ao grau de superendividamento ou sobre-endividamento, trata-se do nível mais grave de endividamento (KEESE, 2012).

O sobre-endividamento poder ser classificado a partir de duas perspectivas: ativas e passivas. A perspectiva ativa é desenvolvida quando o indivíduo influencia de forma ativa para se colocar em uma situação de incapacidade de honrar seus compromissos. Já o sobre-endividamento é resultado da incapacidade da realização de pagamentos dada a existências de situações imprevistas, como perda de emprego, crises econômicas, financeiras e outros (RUBERTO *et al.*, 2012).

Diversos fatores são capazes de influenciar o endividamento, por exemplo, as atitudes realizadas pelos indivíduos em determinadas situações ou ambientes são desenvolvidas

com base em seus valores e crenças. Assim, se torna mais suscetível ao endividamento as pessoas dotadas de comportamentos inadequados no que se refere a gestão da vida financeira. As referidas atitudes quando tomadas baseadas em informações, emoções e conceitos acerca da aprendizagem, resulta em um direcionamento para reagir favoravelmente aos eventos (SHOCKEY, 2002).

A atitude financeira é considerada um dos determinantes da dívida, porque diz respeito às práticas corretas de gestão financeira, tais como a criação e manutenção de orçamentos, pagamento dos compromissos financeiros pré-estabelecidos, formação de poupança, gerenciamento dos gastos com cartão de crédito. Este perfil de atitude serve como base para a manutenção do controle efetivo das despesas e receitas correntes, fazendo com que seja maximizado a situação financeira dos indivíduos, de modo a evitar gastos em excesso e desnecessários (PHAM e DOWLING, 2012).

Outro construto associado ao endividamento trata-se dos aspectos que circundam a compra compulsiva. A compra compulsiva é o ato de aquisição de produtos ou serviços de forma repentina, não planejada e relacionada diretamente a um sentimento de prazer, fazendo com que o consumo aumente de modo rápido, sem a análise das suas possibilidades financeiras em honrar os compromissos financeiros (WEISTEIN, 2012).

Nesse cenário, o aumento dos níveis de endividamento é fato praticamente inevitável, dado que o comportamento de consumo compulsivo é determinante para que as pessoas tenham preocupação recorrente com o consumo, com isso, a perda de controle sobre o processo de compra torna-se evidente, conduzindo para o aumento do endividamento (MULLER *ET AL*, 2011)

A compra compulsiva funciona como uma espécie de satisfação momentânea e minimização das emoções negativas, caracterizado pelo consumo de curto prazo. Contudo, após o consumo e avaliação dos bens adquiridos, as percepções negativas inerentes a compra impensada se tornam evidentes, fazendo com que sejam acentuados malefícios como a baixa autoestima e sentimentos depressivos. Ou seja, a compra de forma compulsiva funciona como uma “válvula de escape” de curto prazo, a qual capaz de agregar prazer e satisfação de forma pontual e em reduzido espaço de tempo. Entretanto, é extremamente danosa quando o consumidor percebe a incoerência do consumo, sendo assim tomado por sentimentos de negação e angústia (KLAPPER *et al.*, 2013).

Há, no entanto, uma linha de estudo na literatura sobre endividamento que não delimita o endividamento como origem de decisões errôneas, mas sim como uma decisão voluntária a qual o consumidor se dispõe a realizar para usufruir de determinado bem ou serviço,

contraindo assim dívidas e por não honrar com seus compromissos ou atrasá-los torna-se endividado (CARVALHO *et al.*, 2017).

Dado o impacto negativo do endividamento nas mais diversas áreas da vida das pessoas, são evidentes inúmeras problemáticas paralelas ao crescimento do endividamento. Para Kesse e Schmitz (2011) problemas como angústia, stress, percepção negativa sobre a capacidade de gerenciamento pessoal e familiar, redução do bem-estar financeiro e pensamentos negativos. Logo, é sabido que a existência de níveis de endividamento crescentes altera a qualidade de vida das pessoas que passam a ter consequências negativas à saúde psicológica, podendo ocasionar problemas mais graves como depressão, insônia ou problemas cardíacos.

Além disso, quanto maior o grau de endividamento, maior será as consequências do stress financeiro. Somado a este fato, quando incluso em um quadro de dívida classificados como mau pagadores ou inadimplentes, os indivíduos podem sentir (e serem) excluídos do sistema financeiro e do crédito no longo prazo (LOIOLA, 2014).

De forma geral, a maioria dos consumidores que acumulam dívidas tendem a ter reduzida habilidade no gerenciamento das finanças pessoais, atuando de forma não direcionada e sem planejamento orçamentário. Tais fatos fazem com que as pessoas com este perfil de comportamento financeiro tenham seus proventos laborais, praticamente, exclusivamente direcionados para quitação de dívidas, sendo dificultado o reequilíbrio econômico (LUCKE *et al.*, 2014).

O cenário supracitado se torna cada vez mais evidente, seja pela maior disseminação dos produtos financeiros e acesso ao crédito, pelas campanhas indutivas ao consumo, existência de imprevistos, ou a existência de aspectos comportamentais como compras compulsivas, materialismo ou outros comportamentos financeiros maléficos ao equilíbrio financeiro pessoal. Além da dificuldade em compreender e corrigir os aspectos comportamentais que balizam o comportamento dos indivíduos, visto que envolvem um cenário de subjetividade e incerteza (LUCKE *et al.*, 2014).

Para o estudo e entendimento do endividamento é necessário a interação entre uma grande gama de disciplinas, utilizando variáveis múltiplas e identificando a importância de cada variável (MOURA, 2005). Tais como os componentes estudados sobre o materialismo e compras compulsivas.

2.2.1 Endividamento x Inadimplência

Apesar de ser utilizados como termos sinônimos, endividamento e inadimplência são dotados de características capazes de os diferenciarem. O endividamento refere-se ao recebimento de determinado montante, seja através de parentes, financeiras, amigos ou bancos, que deverá ser pago, em uma data pré-estabelecida, acrescido de juros e correção (IDEC,2012)

A inadimplência trata-se do não pagamento de um compromisso financeiro, estabelecido para uma determinada data, ocasionado por problemas financeiros, pessoais, sociais e pelo excesso de dívida. A partir do estabelecimento dos termos, fica clara a relação dos constructos pelo fato de um ser consequência do outro. A aquisição de recursos, através do compromisso de pagar futuramente, financeiros para a utilização de despesas correntes ou para a compra de bens representa o endividamento. O não pagamento deste referido compromisso, representa uma consequência do endividamento, a denominada inadimplência (CLAUDINO *et al.*, 2009)

No referido cenário, entende-se que a contratação de crédito e aquisição de endividamento, não está relacionada, necessariamente, a inadimplência. A qual relacionada ao não pagamento dos compromissos pré-estabelecidos.

2.2.2 Variáveis que afetam o endividamento

O crédito sempre teve grande relevância na vida financeira dos consumidores e para as economias mundiais, visto que o crescimento das dificuldades e da falta de recursos financeiros faz com que as famílias priorizem determinados produtos e serviços e formem uma hierarquia de decisão no que tange às escolhas de consumo. Situação a qual os indivíduos são inclinados a aquisição de produtos mais baratos, com maior período de duração e realizar decisões mais coesas objetivando a economia e sustentabilidade financeira (GARLING *et al.*,2009).

Este tipo de adaptação financeira pode acarretar em mudanças no estilo de vida dos núcleos familiares, sendo, neste cenário, os jovens mais adaptáveis a mudanças em relação às pessoas de maior idade. Porém, por outro espectro de análise, os indivíduos mais velhos são detentores de maior experiência o que pode contribuir nos momentos de dificuldade econômica e fazer com que as pessoas com este perfil de idade enfrentem com mais otimismo problemas macroeconômicos como recessões (POTRICH,2016).

Nesse cenário, outras dimensões de grande relevância do estudo e avaliação do endividamento dos indivíduos são aqueles relacionados aos aspectos demográficos e

socioeconômicos (POTRICH,2016). Inúmeras variáveis são influenciadoras do grau de comprometimento da renda dos indivíduos com as dívidas, dentre estas destacam-se: gênero, idade e renda (CAMPARA *et al.*, 2016).

Com relação a influência do gênero, é notória a existência de divergência na literatura sobre a temática em estudo, não sendo estabelecido de forma clara e “definitiva” o impacto do fator gênero para o endividamento (CAMPARA *et al.*, 2016). Lyons (2007) infere, com base em seus estudos, que as mulheres são mais inclinadas ao endividamento, principalmente no que diz respeito ao uso equivocado do cartão de crédito, pois estas realizavam compras de longo prazo com maior frequência e teriam maior propensão em deixar de pagar a fatura de forma integral, gerando assim posterior dívida.

Levitan e Wieler (2008) corroboram com a tese indicando que o público feminino é mais inclinado ao endividamento pela razão de possuírem compromissos financeiros relacionados a aquisição de produtos para cuidados domésticos e pessoais, os quais, segundo os autores, não são representativos para os homens. Também, associa a maior probabilidade de endividamento aos menores níveis salariais, ainda presente em um mercado de trabalho mercado pela falta de isonomia.

No entanto, outros escritos da literatura refutam a relação positiva entre gênero feminino e endividamento. Para Wang, Lu e Malhotra (2011) explicam que os homens são mais direcionados para o comprometimento do orçamento financeiro com dívidas devido algumas características como maior exposição a produtos financeiros e maior utilização de crédito rotativo frente as mulheres.

Muller (2010) indaga que maiores níveis de endividamento são associados ao gênero masculino devido a utilização agressiva de empréstimos, cartão de crédito, cheque especial e limites estabelecidos em conta corrente. Além dos fatores supracitados, o excesso de autoconfiança, principalmente financeira, é outro fato relevante para a compreensão do endividamento em termos de gênero masculino.

Outro fator de grande relevância para a avaliação do nível de endividamento das pessoas trata-se da renda. De forma geral, é existente consenso nas pesquisas sobre endividamento entre os autores quando se analisa a relação positiva entre e renda e menores níveis de endividamento.

Bricker *et al.* (2012) em seu estudo sobre o endividamento das famílias americanas, analisou durante quatro anos o comportamento do nível do endividamento das famílias participantes do estudo e constatou que os grupos familiares com menores rendimentos e com

restrições financeiras estavam diretamente associados a maiores graus de comprometimento da renda familiar com dívidas.

Os estudos citados puderam ser ratificados a partir das análises com o mesmo propósito em âmbito nacional. Zerrenner (2007), através de um estudo realizado na cidade de São Paulo, constatou que os indivíduos classificados como de renda familiar de baixa renda (para o estudo foi considerado até três salários mínimos) foram afetados de forma mais significativa e em níveis mais impactantes de endividamento.

No requisito idade, os trabalhos são mais objetivos em delimitar o público jovem como possuidores de características que podem levar ao endividamento de forma mais rápida e concisa.

A partir das características de maior necessidade de pertencimento social e status, menores salários, menor estabilidade financeira, maior comprometimento financeiro com crédito estudantil e outras pessoas com idade entre dezoito e vinte e cinco anos têm maior predisposição a se submeter a maiores riscos financeiros e a consequentes dívidas (WORTHY; JONKMAN; BLINN-PIKE; 2010)

A ideia de que os jovens são mais propensos ao endividamento vai além de características pessoais e geracionais, abrangendo questões psicológicas e comportamentais. Por exemplo, Keese (2012) indica que pessoas com idade menor que 30 anos tendem subestimar as dívidas, atribuindo-as menor importância. Para o autor, o público jovem percebe o peso da dívida no orçamento como mais baixo, quando comparado com pessoas de maior idade.

Por fim, a manutenção do crescimento nos níveis de endividamento é fruto de um ambiente econômico mais inclinados a efetivação do consumo, este combinado a políticas fiscais facilitadoras. Tais fatores têm impacto direto nas economias e na vida financeira dos indivíduos participantes desta, dentre as quais destaca-se o crescimento desenfreado dos níveis de endividamento (KEESE, 2012).

Neste ambiente, o consumidor vem, cada vez mais, consolidando o comportamento de compra recorrente e indução ao consumo de forma mais regular em sua rotina de gastos de despesas pessoais. Assim, o aumento de disponibilização do acesso ao crédito e produtos financeiros diversos, tem tido como consequências maléficas os consideráveis montantes de recursos financeiros comprometidos com dívidas. O referido problema não está inserido somente na esfera econômica, mas, também, principalmente, no âmbito social, formalmente chamada de “sociedade de consumo” (SLOMP, 2008).

2.2.3 Variáveis pessoais influenciadoras do endividamento

Apesar da capacidade das variáveis sociodemográficas influenciarem de forma direta as possíveis causas do endividamento, o fenômeno tem características que abrange perspectivas ainda mais amplas, sendo influenciado por fatores emocionais, comportamentais, macroeconômicos, nível educacional, fatores familiares e outros (MINELLA *et al.*, 2017).

Fatores macroeconômicos, principalmente em economias emergentes, são cruciais para o entendimento do fenômeno do endividamento. Variáveis como a inflação são capazes de afetar de forma efetiva o poder de compra dos núcleos familiares, sobretudo os de maior vulnerabilidade econômica, diminuindo a renda real e afetando o orçamento familiar (AMORIM, 2013).

As questões comportamentais também são objeto de estudo em grande parte de literatura acerca do acúmulo de dívidas e consumo exagerado. Dentre os escritos destaca-se as abordagens sobre comportamentos compulsivos de compra. A compulsão tem sua origem na necessidade de satisfazer desejos e necessidades, na maioria das vezes, irreais ou de forma exagerada, sem que de fato haja racionalidade ou planejamento para o consumo. Nesse contexto, o endividamento acaba por ser uma consequência praticamente direta (MULLER, 2010).

Como bojo das questões comportamentais, as quais têm seu nascimento em problemas psicológicos ou desvios cognitivos de longo prazo, é existente o endividamento decorrente de emoções momentâneas ou imprevistos inerentes a rotinas dos consumidores. São exemplos deste perfil de indução ao endividamento: acidentes, doenças, catástrofes naturais, morte, ou seja, situações pontuais e imprevistas (TOLLOTTI *et al.*, 2012).

Somada as variáveis citadas, o fator educacional é um constructo presente em inúmeros estudos sobre as temáticas financeiras e relacionadas com o endividamento pessoal e familiar. Pessoas com maior nível educacional tendem a realizar um controle financeiro de sua vida pessoal de forma mais coesa e cautelosa. Os referidos indivíduos têm como características terem maior planejamento financeiro de longo prazo e serem capazes de gerenciar imprevistos correntes, tais fatos através da realização de investimentos como fundos de poupança, previdência e seguros (KUNKEL *et al.*, 2015).

Por fim, a democratização do acesso ao crédito, a qual é fator importante de expansão e uso dos produtos financeiros, principalmente nas camadas sociais anteriormente não atendidas, mas que por lado representa a maior possibilidade e indução ao consumo exacerbado. Muller (2012) afirma que a popularização do crédito é fator de inclusão social das classes mais baixas no que diz respeito ao consumo e aumento no poder de compra. Entretanto, é fator que

estimula a cultura do consumo de forma não consciente e balizado na valorização do fator dinheiro além de outras variáveis.

Assim, fica clara as inúmeras variáveis e possíveis causas do endividamento, sejam estas sociodemográficas, comportamentais, macroeconômicas, emocionais, econômicas ou educacionais.

2.2.4 O endividamento e o público universitário

O endividamento do público jovem está associado, principalmente, a fase de ingresso no ambiente universitário, momento o qual o público desperta o interesse de bancos e outras organizações financeiras. Durante esta fase de ingresso e vislumbre com o ambiente do ensino superior, diversas empresas se empenham, de forma contundente, na atração e fidelização do público estudantil por meio de campanhas nos campi universitários. As ações são baseadas na concessão de brindes, cartões, contas bancárias com produtos diferenciados, linhas de crédito específicas e tarifas reduzidas (TEIXEIRA,2010).

A tentativa de atração do público universitário tem como objetivo principal o aproveitamento dos indivíduos na vida economicamente ativa, baseada no ingresso no primeiro estágio, emprego e recebimento de bolsas. Além disso, as empresas tem como meta a construção de um relacionamento de longo prazo, fundamentado na fidelização e expectativa de retornos futuros (TEIXEIRA,2010).

Inúmeros fatores são atribuídos como causas para o endividamento universitário, ao longo dos escritos sobre esta temática destacam-se: inexperiência na gestão financeira pessoal, maior acesso ao crédito, ações agressivas indutoras de consumo desnecessário, necessidade de pertencimento a determinados grupos sociais, menor capacidade de pagamento (dada as restrições financeiras inerentes ao início da vida laboral, como reduzidos salários) e tendência ao consumo de bens supérfluos (VILAIN e PEREIRA, 2013)

Somado a este fato, os jovens tendem a ser mais inclinados ao consumo pelo desejo de consumir pautado pelo experimento, até então desconhecido, da liberdade financeira. Nesse cenário, o público jovem aproveita as oportunidades de concessão de crédito das instituições financeiras, característica desta fase de relacionamento com este perfil de cliente, e acaba não avaliando de forma correta as possibilidades e malefícios associados ao endividamento juvenil (AVDZEJUS; SANTOS; SANTANA; 2012)

Corroborando com os ideais expostos, Vieira (2014) adjetiva o publico jovem como “ criadores de dívidas” , devido a seu perfil de consumo e estilo de vida, os quais assentados na minimização ou inexistência de planejamento financeiro. Segundo o mesmo autor, caso não ocorresse o auxílio financeiro de pais e familiares, provavelmente, o público em estudo não

seria capaz de arcar com as despesas e dívidas realizadas. Também, a falta de conhecimento financeiro, tutoria sobre recursos financeiros pessoais e sobre produtos financeiros, tem como consequência o crescente endividamento universitário e cadastro em órgão de proteção ao crédito.

Por fim, salienta-se que as impulsões de consumo do perfil universitário e a reduzida educação financeira são causas diretas do endividamento e possível consequente inadimplência, somado a inexistência de conhecimentos práticos e acessíveis acerca do gerenciamento financeiro pessoal. Assim, afetando negativamente a vida financeira dos universitários e sociedade de uma forma geral (VILAIN e PEREIRA, 2013).

3 METODOLOGIA

Esta seção apresenta os aspectos acerca das ferramentas metodológicas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, foram apresentados o tipo, a abordagem, o método, os objetivos, os sujeitos da pesquisa, assim como as ferramentas utilizadas para a coleta de dados do presente estudo.

3.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa possui abordagem de característica quantitativa, pois conforme Pereira (2019) esse método de pesquisa tem como característica principal a quantificação, seja através da coleta de informações ou no tratamento destas. Assim, é realizada por meio da utilização de técnicas estatísticas, como média, percentual, desvio-padrão, análise de regressão, coeficiente de correlação, análises multivariadas e outras. Nesse sentido, sendo mais adequado para o desenvolvimento do estudo em curso, dada a necessidade de coleta e tratamento de dados através da avaliação da correlação entre as variáveis.

Para Sordi (2017), o método quantitativo é dedutivo e parte de proposições maiores, fundamentadas em teorias existentes, para identificar a partir de dados de campo as questões inerentes as hipóteses da pesquisa. Por isso, o método é dotado de grande objetividade, a qual comporta testes estatísticos para análise de hipóteses. Como está fundamentado em teorias existentes e nos conhecimentos gerados a partir delas, o autor atribui o método como um paradigma de geração de conhecimento por acumulação de conhecimento.

Já com relação aos objetivos, a pesquisa classifica-se como descritiva, pois conforme Prodanov (2013), na pesquisa descritiva busca-se descrever e registrar fatos sobre determinado grupo, mas sem neles interferir diretamente. Também, tem como direcionamento a compreensão de determinada população estabelecendo relação entre seu comportamento e determinadas variáveis.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos é possível inferir que o método utilizado foi o de pesquisa bibliográfica, haja vista sua característica de orientação através da literatura para a classificação e entendimento de fenômenos ocorridos.

Para Barros (2007, p.84): “Pesquisa bibliográfica é a que se efetua tentando se resolver um problema ou adquirir conhecimento a partir do emprego predominante de informações advindas de material gráfico sonoro e informatizado”.

3.2 Sujeitos Da pesquisa

O campo de pesquisa do presente estudo limitou-se a análise de um grupo amostral composto por alunos da Faculdade de economia, administração, ciências atuárias, contabilidade e secretariado (FEAAC) da Universidade Federal do Ceará. A escolha do referido público deu-se devido as suas características peculiares, conforme descrito por Vilain e Pereira (2013), como a existência de maiores barreiras financeiras inerentes ao início da vida laboral, maior inexperience associada a gestão financeira pessoal, maior acesso creditício devido ao interesse dos *players* financeiros neste nicho, entre outros.

Além disso, a escolha foi reforçada devido a ocorrência de estudos sobre endividamento do público universitário, como o de Teixeira (2010) e Avdzejus *et al.*(2012), mas sem a correlação com o seu Bem-estar financeiro. Por fim, a escolha dos sujeitos da pesquisa também pode ser explicada dada a familiaridade e maior possibilidade de alcance do autor junto a amostra.

A amostra composta por 110 discentes foi extraída do universo de pesquisa composto por 4.410 (Quatro mil cento e quarente) alunos, os quais distribuídos em seis cursos de graduação (Economia, Administração, Atuária, Contabilidade, Secretariado executivo e finanças.), dois mestrados profissionais (Administração e controladoria e Economia), dois mestrados acadêmicos (Administração e controladoria e Economia) e dois doutorados em Economia e Administração e controladoria (UFC, 2020). Sendo o foco da pesquisa os alunos pertencentes aos cursos de graduação.

3.3 Coleta De Dados

No que tange ao método de coleta de dados, optou-se pelo uso do questionário, pois conforme indica Gil (2019), traz a possibilidade de atingir um maior número de indivíduos, dada sua facilidade de aplicação em ambientes sem existência de barreiras geográficas como o âmbito virtual. Além disso, esse método de coleta de dados tem a capacidade de não expor os respondentes as influencias ou questões pessoais do autor.

Conforme Sordi (2017), o questionário pode ser uma forma estruturada e eficiente para coletar dados, principalmente devido ao emprego cada vez mais usual de aplicativos e sites para a coleta de dados online. Nesse cenário, facilitando o acesso e aumentando a quantidade de respondentes.

Para a realização da coleta de dados da presente pesquisa foi utilizado um questionário estruturado e aplicável na ferramenta de formulário online *Google Forms*. O formulário foi dividido em três partes: inicialmente, foi explorado aspectos relacionados a

compreensão do perfil de endividamento dos respondentes. Na segunda parte, o objetivo era coletar as principais informações sobre a autoclassificação dos sujeitos da pesquisa acerca de seu Bem-estar financeiro. Por fim, a última parte do questionário contemplou a exploração das características sociodemográficas do grupo amostral

Para a construção da primeira parte do questionário, foram utilizados os principais preceitos, referências e questionamentos de estudos como Silva (2017), Vilain e Pereira (2013), Avdzejus (2012) e Loiola (204). No que diz respeito às perguntas sobre o bem-estar financeiro, foi utilizado de forma traduzida e integral a escala de avaliação do bem-estar financeiro de Netemeyer (2018), a qual composta por dez afirmativas, cinco sobre o bem-estar financeiro atual e cinco sobre o bem-estar financeiro futuro, das quais os indivíduos poderiam atribuir a nota entre 0 e 10 para o seu grau de concordância com a correspondente afirmativa.

Para validar a qualidade e efetividade da pesquisa, antes da aplicação junto ao grupo amostral, foi realizado um pré-teste com um pequeno grupo de 20 respondentes, objetivando identificar possíveis falhas e dúvidas para correção e reavaliação. A aplicação deu-se durante os dias 04/05/2020 e 10/05/2020 e contemplou indivíduos do grupo de estudo da pesquisa mais próximos do autor.

Neste momento, foram encontradas falhas e dúvidas que foram prontamente corrigidas para a versão final da pesquisa. Os respondentes tiveram dúvidas com relação as respostas sobre seu perfil de endividamento, pois não se consideravam consumidores portadores de dívidas. Ocorria, na verdade, um conflito no entendimento entre os conceitos de inadimplência e endividamento. Ou seja, as pessoas tendiam a compreender e responder que não tinham dívidas porque realizavam o pagamento de seus compromissos em dia e sem prorrogações. Para efetuar a correção, foi suprimido o termo endividamento da pergunta inicial da pesquisa, contudo mantendo o teor e o objetivo das perguntas.

Na aplicação oficial da pesquisa, não foram repetidas as dúvidas supracitadas, evidenciando a efetividade das mudanças realizadas no pré-teste. A pesquisa final foi aplicada durante o período de 11/05/2020 a 25/06/2020 e obteve o número de 110 respondentes. Estes receberam o formulário de pesquisa através de grupos online nas redes sociais relacionados a faculdade e e-mail pessoal obtidos através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da Universidade Federal do Ceará.

Quadro 1 – Indagações da pesquisa

Perfil de Endividamento
1) Seu salário (sua renda) está comprometido (a) com alguns desses itens? (Parcelamento da fatura do cartão de crédito, Juros de cheque especial, crediário em lojas, compras parceladas no cartão sem juros, financiamentos, empréstimos e empréstimos com amigos)
2) Qual seu nível de comprometimento de renda, em porcentagem, no que diz respeito aos itens abaixo? (Cartão de crédito, financiamento, empréstimos etc.)
3) O que lhe levou a possuir dívidas?
4) Por quanto tempo sua renda estará comprometida com essas dívidas?
5) Em termos percentuais, em quanto aumentou seu endividamento nos últimos dois meses?
6) Nos próximos meses, com qual dos itens abaixo você tem a intenção de possuir novas dívidas? (Prestação crediário, cartão de crédito e outros)
7) Somando todas as suas dívidas hoje, qual seria o valor aproximado?
Bem-estar financeiro: Aplicação da escala de avaliação do Bem-estar financeiro proposta por Netemeyer(2018).
8) Assinale o quanto você concorda com as frases abaixo, considerando “1” para discordo totalmente e “10” para concordo totalmente:
Estou me tornando financeiramente seguro.
Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.
Estou garantindo meu futuro financeiro.
Não estou em dia com minha vida financeira.
Eu alcancei os objetivos financeiros que estabeleci para mim.
Minhas finanças controlam minha vida.
Eu economizei (ou serei capaz de economizar) dinheiro suficiente para durar até o final da minha vida.
Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.
Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.
Perfil sociodemográfico dos respondentes
9) Sexo (Masculino, feminino ou outros.)
10) faixa etária
11) Curso de graduação
12) Qual sua principal fonte de renda?
13) Qual é sua renda familiar?
14) possui filhos?
15) Qual seu estado civil?

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

3.4 Análise dos dados

Objetivando identificar a relação entre o endividamento e o bem-estar financeiro dos indivíduos, foi utilizado a ferramenta de análise estatística SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). O uso da ferramenta teve como foco principal a avaliação da correlação entre as variáveis estudadas na pesquisa, as quais relacionadas ao perfil pessoal, perfil de endividamento e autoavaliação do seu bem-estar financeiro.

Para a efetivação da análise, foi necessária uma adaptação prévia das características dos dados utilizados. Visto que o *Software* estatístico SPSS considera apenas variáveis quantitativas para a avaliação, as variáveis categóricas foram adaptadas para variáveis numéricas. Por exemplo, para analisar o perfil pessoal do sexo dos respondentes, foi atribuído número 1 para masculino e 2 para feminino. Além disso, a partir dos resultados obtidos nos questionários, se fez necessária a extração das médias dos dados coletados para cada variável visando uma melhor adaptação e estudo perante o analisador estatístico usado. Por exemplo, na escala acerca do bem-estar financeiro são propostas 10 afirmativas, 5 relativas ao stress financeiro atual e outras 5 referentes ao futuro financeiro. Assim, para estas variáveis foi realizado a média dos números obtidos com as respostas para cada grupo de perguntas, sendo assim possível a análise entre duas variáveis.

Para validar a qualidade da avaliação dos dados foi utilizado o modelo de correlação de Pearson. O referido modelo pode ser explicado, conforme Garson (2009), como uma medida associativa do nível de relacionamento entre duas variáveis. Dalson e Silva (2009) inferem que a referida correlação varia de -1 a 1. Nesse contexto, quando são obtidas correlações negativas, entende-se que as variáveis são inversamente proporcionais (quando uma aumenta a outra decresce). Já com a correlação com números maiores que zero, a compreensão é a de que as variáveis são diretamente proporcionais. Cohen (1998) demonstra que correlações com quantidade entre 0,10 e 0,29 são consideradas pequenas. De 0,30 a 0,49 possuem médio nível de correlação e números entre 0,50 e 1 são compreendidos como de alto nível de correlação.

Após a análise dos dados e cruzamento das variáveis estudadas através do *software* estatístico, foi possível estabelecer um padrão de correlação dos dados obtidos e expor seus principais resultados e objeções coletadas.

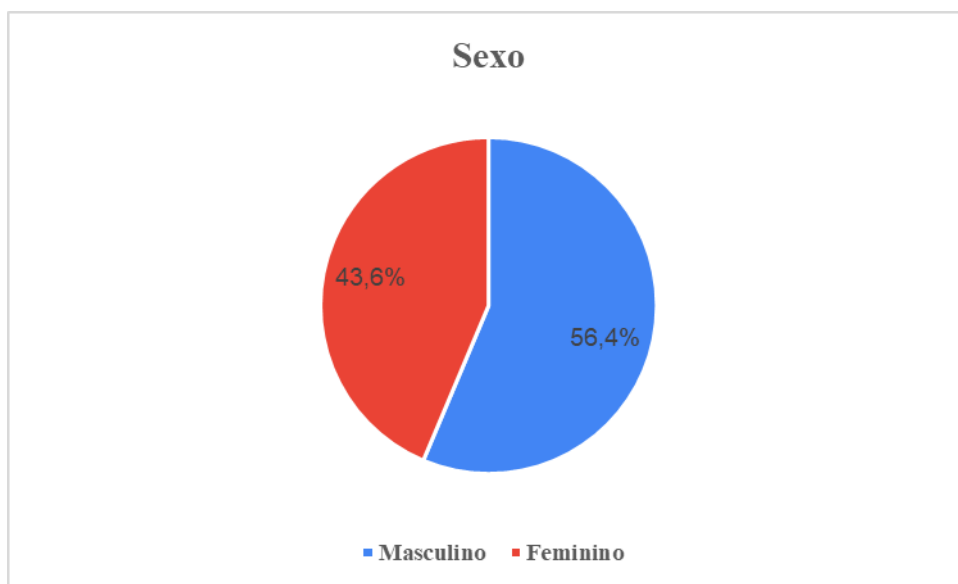
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentadas as informações sobre a pesquisa realizada tendo como base a problemática desenvolvida ao longo do presente trabalho. Para tanto, será elucidado os resultados obtidos através da pesquisa realizada entre os dias 11 de maio de 2020 a 25 de junho de 2020, destacando o perfil sociodemográfico dos respondentes, o perfil de endividamento do grupo e sua avaliação no que diz respeito ao Bem-estar Financeiro.

4.1 Perfil dos entrevistados

Tendo como base os dados obtidos através dos formulários aplicados, é possível inferir que o grupo amostral da pesquisa foi composto, em sua maioria, por pessoas do sexo feminino. Conforme demonstrado no gráfico 1, o número de respondentes do sexo feminino representou 56,4 % das respostas com 62 respondentes. Já os indivíduos do sexo masculino representaram 43,6% dos respondentes com o número de 48 participantes.

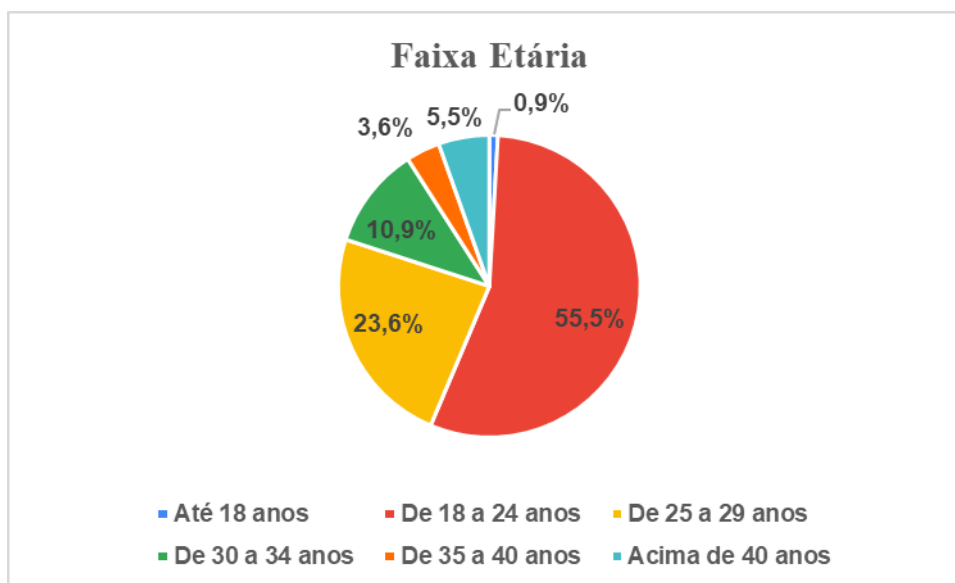
Gráfico 1 – Sexo dos participantes



Fonte: Elaborado pelo Autor.

No que diz respeito a idade do grupo amostral, é identificável uma distribuição nas mais variadas faixas de público, mas maior predominância na faixa etária de 18 a 24 anos, a qual caracterizada por 55,5% do público estudado com 61 respondentes. Evidenciando o perfil mais jovem como preponderante no estudo.

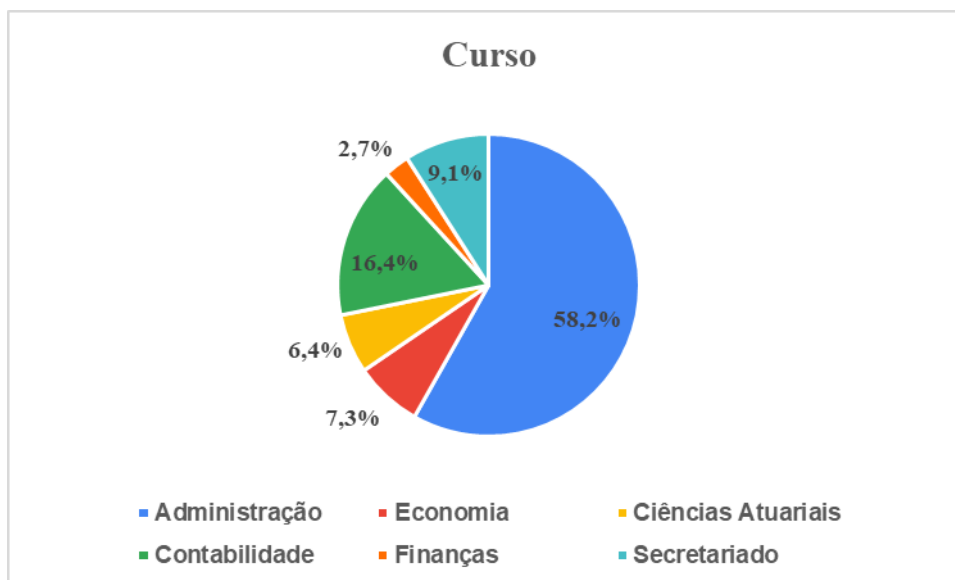
Gráfico 2 – Faixa etária



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Sobre o curso de graduação que os alunos da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado (FEAAC), pertencente a Universidade Federal do Ceará, faziam parte teve como maioria dos respondentes graduandos do curso de Administração. O Grupo foi representado por 58,2% dos participantes os quais representaram 64 respostas.

Gráfico 3 – Curso

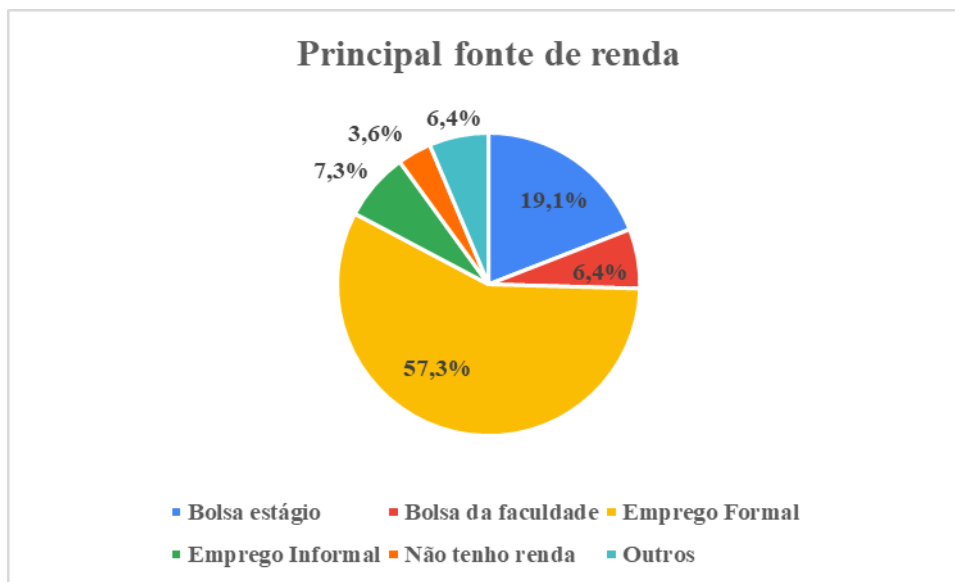


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Sobre a variável acerca da principal fonte de renda, é notável a predominância de indivíduos possuidores de emprego formal como principal fonte de renda. Contudo, também teve grande participação dos respondentes com bolsa estágio, representados por 19,1% da

amostra e 21 respondentes, e indivíduos que recebiam bolsas relacionadas ao âmbito acadêmico como fonte de renda individual principal com 6,4% das participações.

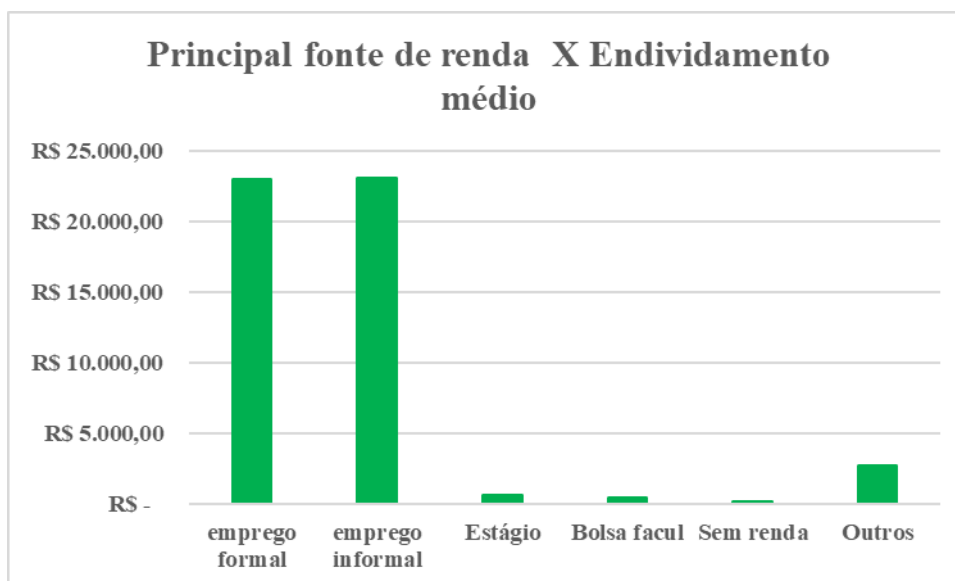
Gráfico 4 – Principal fonte de renda



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Visando complementar o entendimento sobre a relação entre a principal fonte de renda dos respondentes e o seu endividamento, foram cruzadas as informações obtidas para a relação entre as duas variáveis. A partir da análise dos dados, foi possível observar maiores níveis de endividamento médio dos indivíduos com emprego formal e emprego formal, principalmente. Posteriormente, pessoas com outros tipos de renda não colocadas como opção de resposta, estágio, bolsa da faculdade e pessoas sem renda.. A média de endividamento foi de, respectivamente, R\$ 22.998,78, 23.127,50, 2.704,14, 612,38, 437,86 e 112,50. Nesse contexto, indicando maior capacidade e tendência em contrair dívidas esteve associada a pessoas com maior segurança financeira, as quais associadas a rendimentos fixos e de maiores grandezas.

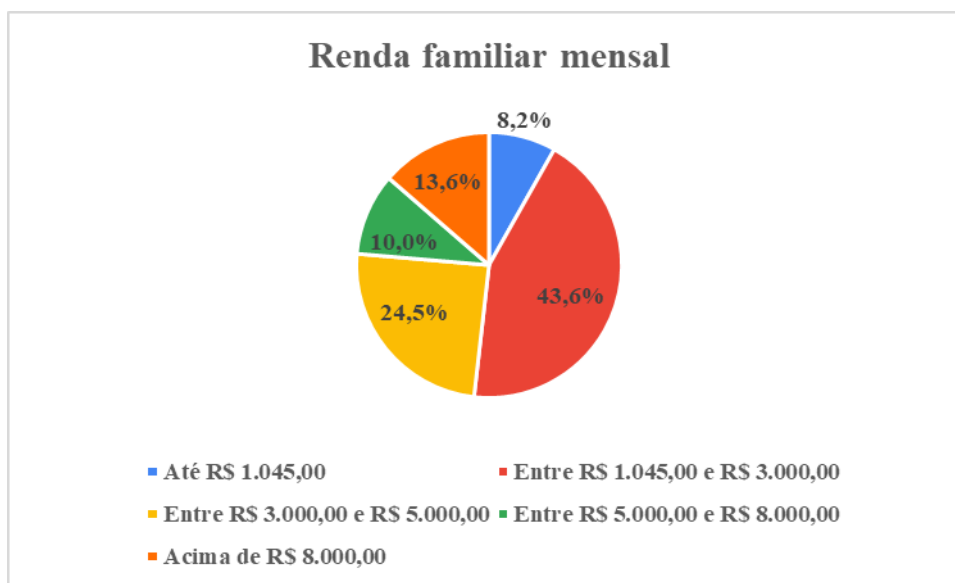
Gráfico 5 – Principal fonte de renda X endividamento médio



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Como forma de compreensão e complementação dos aspectos relacionados a renda dos respondentes, as pessoas foram indagadas sobre sua renda familiar. Neste quesito, foi possível perceber grande variedade de renda e distribuição em basicamente todos os perfis de renda estabelecidos pela pesquisa (de R\$ 1.045,00 adiante). A faixa com maior número de respostas foi a do grupo com renda entre R\$ 1.045,00 e R\$ 3.000,00 com 43,6% das respostas. O segundo grupo mais presente foi aquele com renda familiar mensal entre R\$ 3.000,00 e R\$ 5.000,00 como 24,5% do grupo amostral. O terceiro grupo com maior presença refere-se aos indivíduos com renda entre acima de R\$ 8.000,00 com 13,6 das respostas. Na sequência, as pessoas com renda entre R\$ 5.000,00 e R\$ 8.000,00 com 10% das repostas. Ademais, os respondentes com renda familiar mensal com renda de até R\$ 1.045,00 representados por 8,2% da amostra.

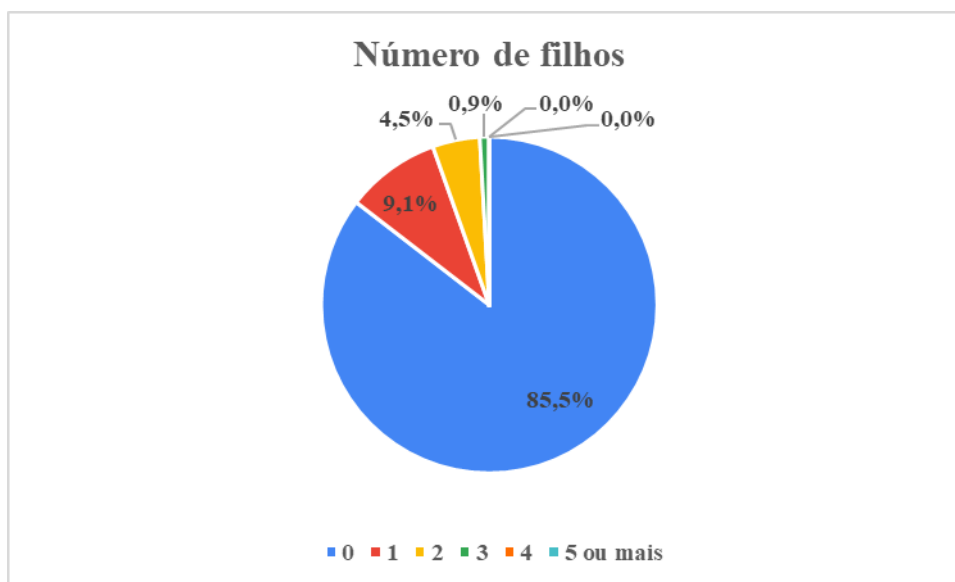
Gráfico 6 – Renda familiar mensal



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Na análise das variáveis sobre a existência de filhos, pôde-se identificar que a maior parte do grupo estudado não tem filhos. Especificamente 85,5% das respostas, 94 pessoas, indicaram a ausência de filhos.

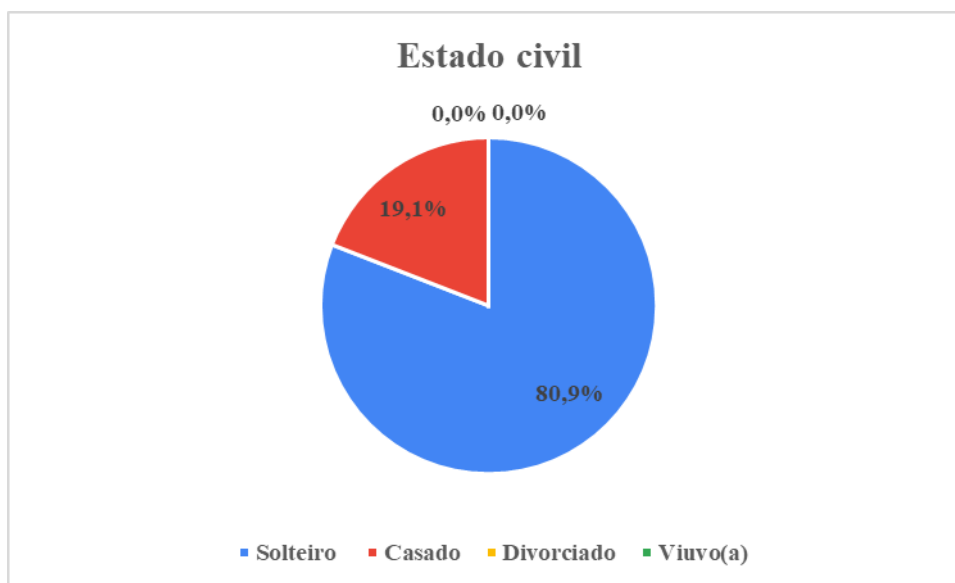
Gráfico 7 – Número de filhos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Ademais, com relação a identificação do estado civil dos universitários respondentes, a pesquisa mostrou a predominância de indivíduos solteiros, mais precisamente 80,9% e 89 respondentes. A outra parte das pessoas foi de indivíduos casados com 19,1% e 21 respondentes. Não ocorreram respostas de indivíduos divorciados ou viúvos.

Gráfico 8 – Estado civil



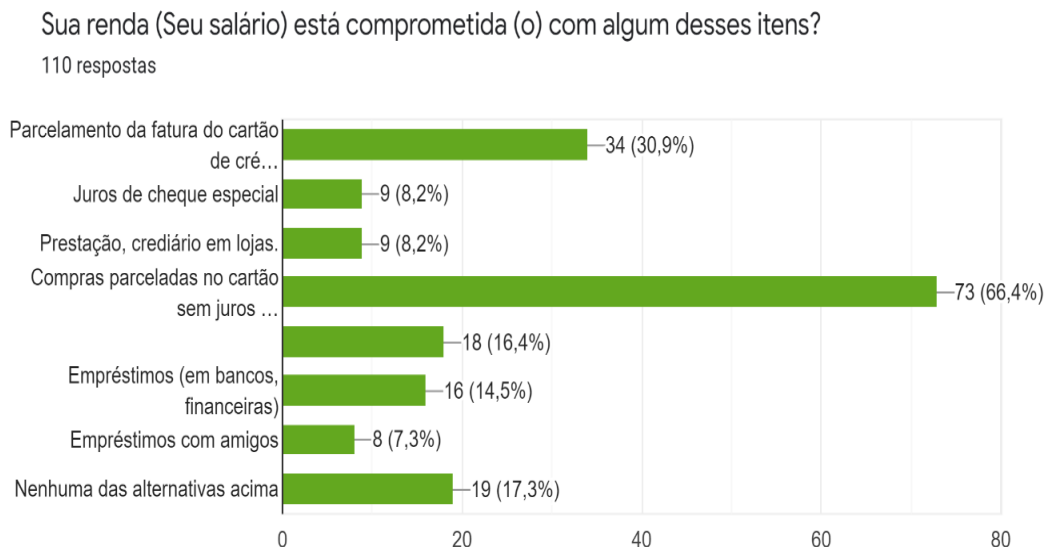
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

4.2 Perfil de endividamento do grupo amostral

Para um melhor entendimento e direcionamento da pesquisa, buscou-se fazer indagações para que fosse possível a compreensão e avaliação do perfil de endividamento do público estudado. Para tanto, foram realizados questionamentos sobre com que tipo de gastos sua renda estaria comprometida, as motivações que lhe levaram a possuir dívidas, o tempo que essas dívidas comprometeriam seus rendimentos, o quanto vem aumentando seu endividamento nos últimos meses, sobre a intenção ou necessidade de possuir novas dívidas e com relação ao valor do endividamento pessoal total estimado.

Inicialmente, as respostas, sobre a prevalência do comprometimento dos rendimentos, indicaram maior nível de endividamento com compras no cartão de crédito. O item correspondeu a 66,4% das respostas e 73 respondentes. O segundo item com maior número de respondentes, o qual tem relação direta com as compras no cartão de crédito, diz respeito ao parcelamento da fatura do cartão de crédito. O referido item obteve 30,9% das respostas e 34 respondentes. Como terceiro mais escolhido, o endividamento associado ao uso de financiamento, o qual foi de 16,4% das pessoas e 18 respondentes. A distribuição dos itens faltantes foi realizada de empréstimos (junto a bancos ou financeiras) com 14,5% da pesquisa, cheque especial e crediários em lojas com 8,2% cada e empréstimos com amigos 7,3% das pessoas.

Gráfico 9 – Predominância de comprometimento de renda



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

No tocante ao nível de comprometimento de renda com endividamento, foram separados os possíveis itens: Cartão de crédito, empréstimos, financiamentos, cheque especial e outros. No item relacionado ao endividamento com cartão de crédito, 19 pessoas não possuíam nenhum tipo de comprometimento de renda com essa variável. 45 dos respondentes tinham entre 1% e 25% dos seus rendimentos comprometidos com o uso do cartão de crédito. 27 dos indivíduos tinham entre 25% e 50% de sua renda comprometida com o referido item. 14 respostas indicaram ter a renda mensal comprometida entre 50% a 75% e 5 pessoas responderam que o seu nível de comprometimento com o uso do cartão de crédito está entre 75% e 100%.

No item associado ao comprometimento dos rendimentos com empréstimos pode se observar que a maioria do grupo amostral não eram possuidores de dívidas com esta variável. Nesse contexto, 88 pessoas não tinham nenhuma dívida com empréstimos. 11 indivíduos tinham entre 1% e 25% de comprometimento. 8 eram detentores de 25% a 50%. E 3 pessoas indicaram ter de 50% a 75% de comprometimento de renda com itens inerentes a empréstimos.

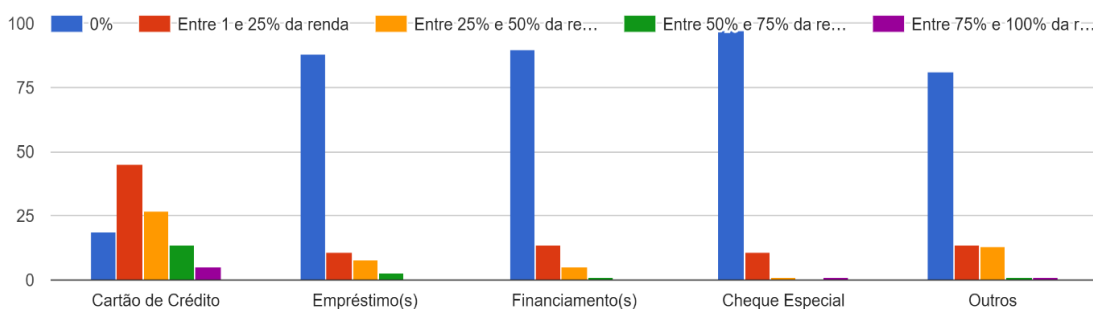
Na indagação sobre o grau de comprometimento dos rendimentos com financiamentos, 90 respondentes não são possuidores de qualquer nível de comprometimento de renda. 14 indivíduos afirmaram ter entre 1% e 25%. 5 pessoas responderam ter entre 25% e 50% e uma resposta indicou endividamento na faixa entre 50% e 75%.

No que diz respeito ao questionamento sobre endividamento com cheque especial, 97 do grupo de estudo mostrou não possuir dívidas com este item. 11 pessoas afirmaram ter comprometido entre 1% e 25% da sua renda. Um indivíduo ter entre 25% e 50% e outro entre 50% e 75%.

Por fim, 81 respondentes afirmaram não possuir dívidas nem com itens supracitados e nem com outras obrigações. 14 pessoas responderam ter entre 1% e 25% de comprometimento de renda com outras variáveis. 13 afirmaram ter entre 25% e 50%, um respondente tinha entre 50% e 75% e outro entre 75% e 100% de comprometimento de seus rendimentos mensais com outros itens que não os citados.

Gráfico 10 – Nível de comprometimento de renda

Qual seu nível de comprometimento da renda, em porcentagem, no que diz respeito ao endividamento com os itens abaixo.

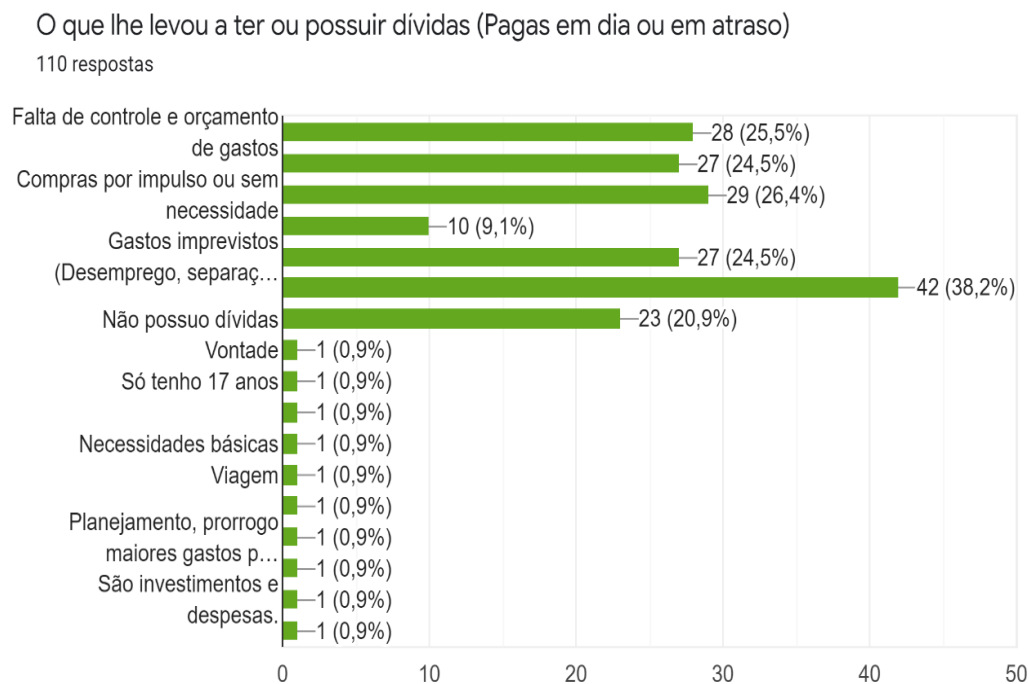


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

No questionamento sobre as motivações que os indivíduos teriam para possuir dívidas, foram dívidas da seguinte forma: falta de controle e orçamento de gastos, aumento dos gastos, compra por impulso ou sem necessidade, redução salarial, gastos imprevistos (separação, doença, acidente), surgimento de novas necessidades e outros motivos dos quais os respondentes poderiam discorrer individualmente.

O item que obteve o maior número de respostas foi o referente ao surgimento de novas necessidades com 42 pessoas da amostra. Compras por impulso ou desnecessárias representou 29 respondentes. A falta de controle e orçamento dos gastos pessoais foi escolhida por 28 pessoas. As motivações relacionadas a aumento dos gastos e gastos imprevistos obtiveram o mesmo quantitativo de respostas que foi 27. 23 respondentes indicaram não possuir nenhum tipo de endividamento. No tocante a outros motivos individuais, destacaram-se viagens e prolongamento dos vencimentos mensais para uma maior possibilidade financeira mensal.

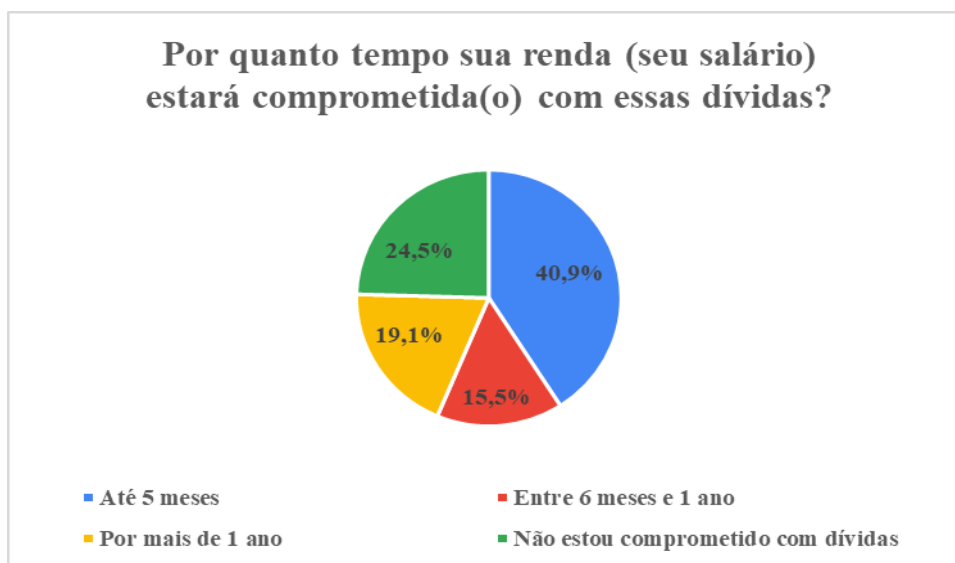
Gráfico 11 – Motivações para o endividamento



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

No tocante à pergunta acerca do tempo que a renda do grupo em estudo estaria comprometida com as dívidas, 40% das pessoas responderam que estariam comprometidos com dívidas em até 5 meses. Caracterizando um endividamento de mais curto prazo. 24,5% do grupo amostral demonstrou não possuir dívidas. 19,1% das pessoas afirmaram ter endividamento por mais de um ano e 15,5% dos estudantes tinham ainda tinham dívidas entre os seis ou doze meses.

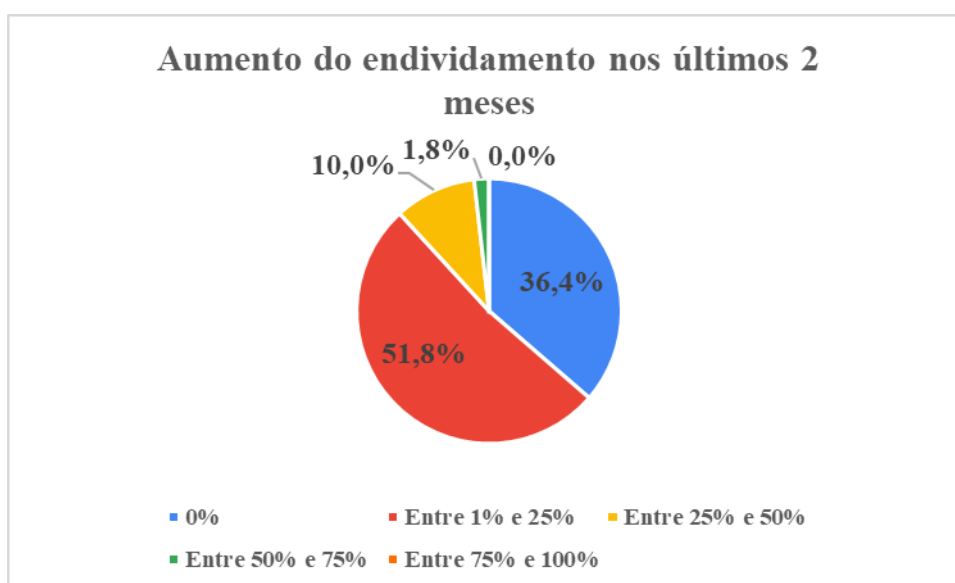
Gráfico 12 – Tempo de comprometimento de renda



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Com relação a indagação sobre o quanto aumentou o endividamento nos últimos 2 meses, a maior parte do grupo amostral indicou ter aumentado entre 1% e 25% do seu endividamento pessoal. A segunda opção mais escolhida, com 36,4% das respostas, mostrou os respondentes que não obtiveram aumento no nível de endividamento nos últimos meses. Com 10% das respostas dos participantes aumentaram seu comprometimento de renda entre 25% e 50%. Finalizando a análise da pergunta proposta, 1,8% do grupo estudado aumento entre 50% e 75% e 75% do comprometimento da renda mensal.

Gráfico 13 – Aumento do endividamento nos últimos dois meses

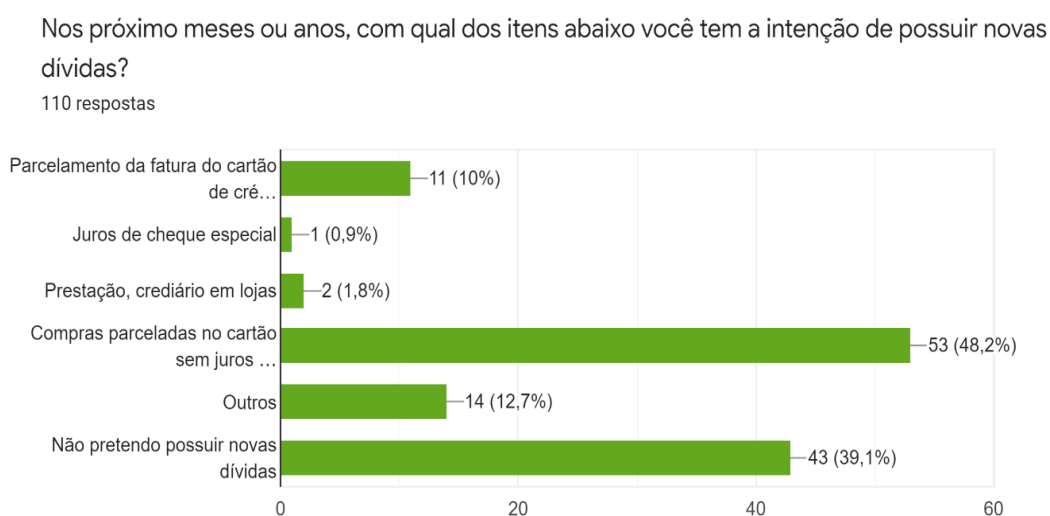


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Na continuidade do estudo sobre o perfil de endividamento dos participantes da pesquisa, buscou-se realizar um questionamento sobre a intenção dos indivíduos em possuírem dívidas futuramente. Grande parte da amostra demonstrou interesse em realizar novas dívidas. 48,2% das pessoas afirmaram a tendência de novas dívidas com o uso do cartão de crédito. O segundo item mais cotado pelos respondentes mostrou interesse de um número significativo do grupo amostral em não possuírem novas dívidas, percentualmente o número pode ser expresso em 39,1% dos indivíduos.

A opção acerca do interesse na realização de novas dívidas com outros itens, que não os propostos, obteve participação de 12,7%. Já o parcelamento da fatura do cartão de crédito foi responsável por 10% das respostas dos participantes. As respostas com menor aderência do grupo estudado foram, respectivamente, novas dívidas com prestação de crediário em lojas com 1,8% e utilização de cheque especial com 0,9% das respostas.

Gráfico 14 – Realização de novas dívidas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Analisando a última indagação sobre o perfil de dívida dos participantes, a qual questionava sobre o valor estimado total do endividamento dos respondentes da pesquisa, o levantamento demonstrou um endividamento médio do grupo amostral de R\$ 13.742,69. Apesar do grande volume, o valor foi elevado de forma substancial devido ao comprometimento alguns participantes com numerários altos relacionados a empréstimos e financiamentos.

4.3 Autoavaliação do Bem-estar financeiro dos indivíduos

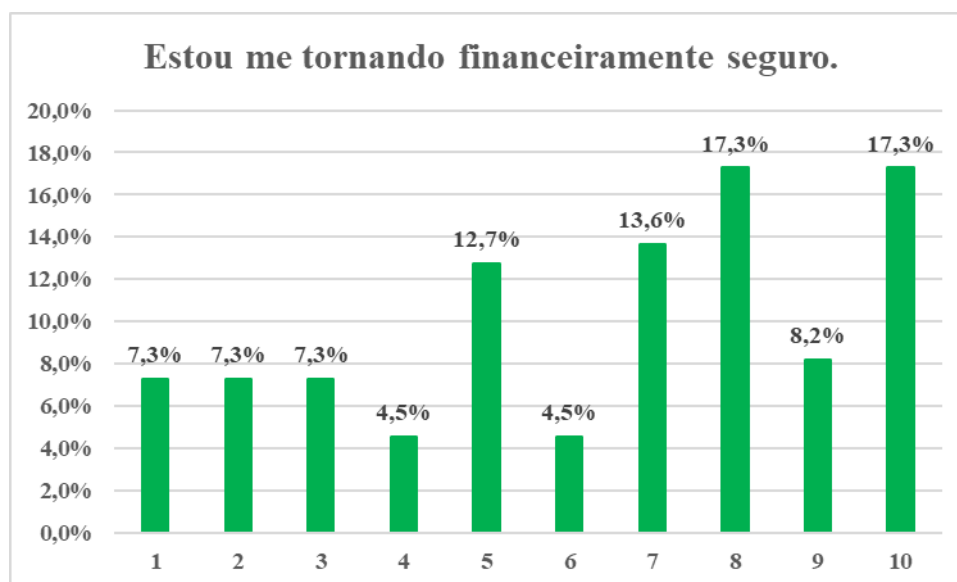
Para mensurar o Bem-estar financeiro dos participantes foi utilizada a escala proposta por Netemeyer (2018), a qual propõe um conjunto de dez afirmações que abordam

características e opiniões sobre o presente e o futuro financeiro. As referidas afirmativas são avaliadas pelos respondentes levando em consideração uma escala numérica de 1 a 10. Sendo 1 “discordo totalmente” e 10 “concordo totalmente”.

A primeira afirmativa da escala, “Estou me tornando financeiramente seguro”, demonstrou que, apesar do endividamento, um número significativo dos respondentes considera que estão se tornando financeiramente seguros, dada a concordância em nível máximo com a afirmativa. Esta obteve 19 respostas com concordância “10”. Em alinhamento com as respostas do primeiro grupo avaliado, 19 pessoas, também, consideram que estão se tornando seguros financeiramente, contudo com o grau de concordância de 8 pontos.

O terceiro grupo com maior número de participação com 15 votos teve como escala de convergência com a afirmação proposta de “7”. No encadeamento lógico da avaliação, 14 pessoas avaliaram seu nível de concordância com o grau “5”. 9 dos participantes avaliaram com nível 9 a afirmação em estudo. Os menores níveis de concordância, os quais referentes aos níveis 1,2,3 obtiveram o mesmo número de participações que foi de 8 respondentes. O nível de concordância “6” obteve 5 participações e a número 5 obteve 4 participações no que tange a concordância com a afirmativa da escala.

Gráfico 15 – Afirmativa 1

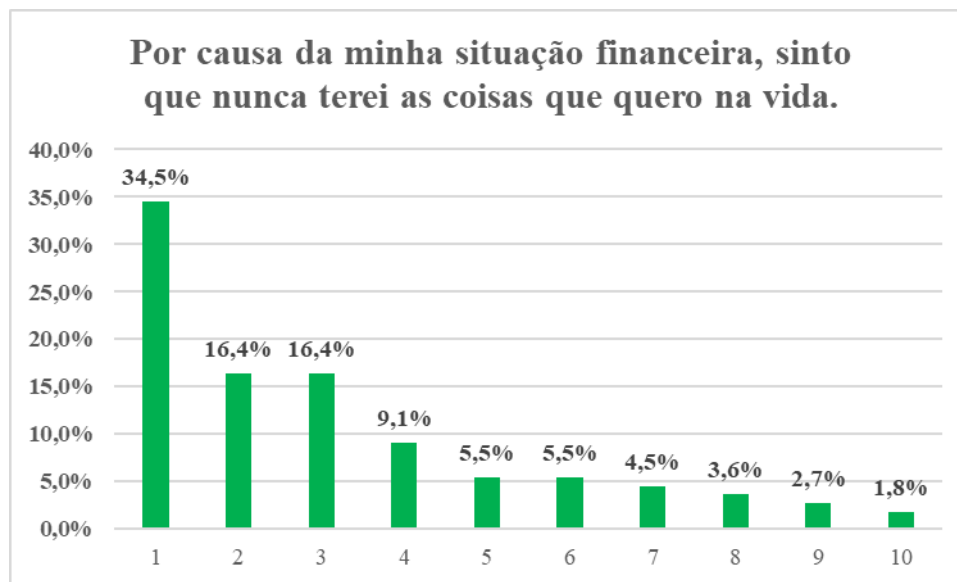


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A segunda afirmação da escala proposta pela literatura estudada, “Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida”, foi avaliada com grande nível de discordância pelos participantes. Conforme dados da pesquisa, 38 pessoas avaliaram com o nível 1 o grau de sua concordância com a afirmativa proposta. Os níveis 2 e 3 tiveram o mesmo número de participações que foi 18. As notas 4,6,7 e 8 tiveram,

respectivamente, 10,6,6,5 e 4 respondentes. Por fim, o nível 9 de concordância foi responsável por 3 repostas e o nível 10 apenas 2 pessoas.

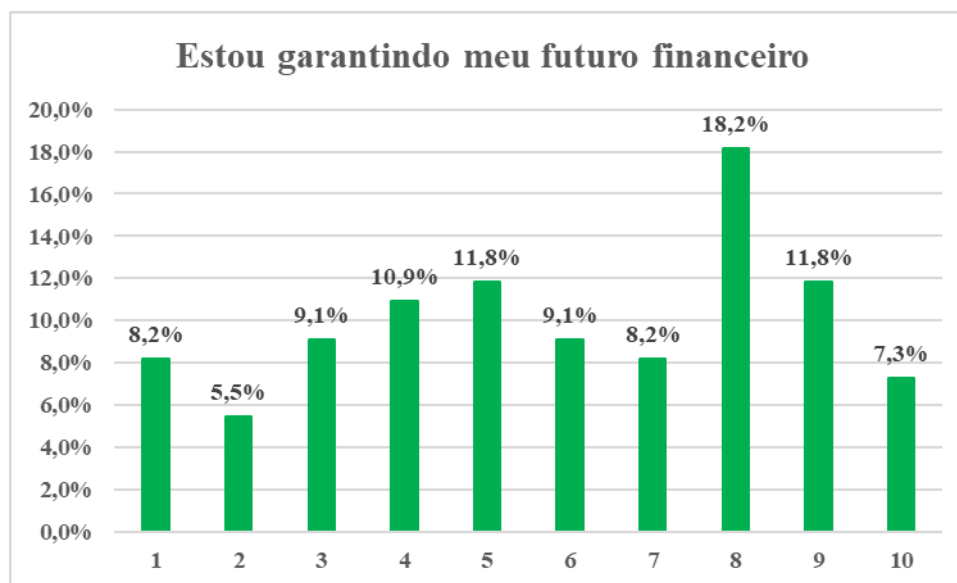
Gráfico 16 – Afirmativa 2



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

A terceira afirmação, “Estou garantindo meu futuro financeiro”, foi avaliada de forma divergente e bem distribuída nos níveis propostos, sem a prevalência de uma opinião específica. Como foi possível observar, maior número de respostas foram obtidas no nível de concordância 8 com 20 participações. Os níveis 9 e 5 foram responsáveis por 13 respostas cada. 12 indivíduos avaliaram com o nível 4 de concordância com a afirmativa. Os níveis de concordância 6 e 3 tiveram 10 participações cada. Já os níveis 7 e 1 obtiveram 9 participações em cada variável. O nível concordância máxima, 10, teve 8 participações e o nível 2 foi responsável por 6 respostas do grupo amostral.

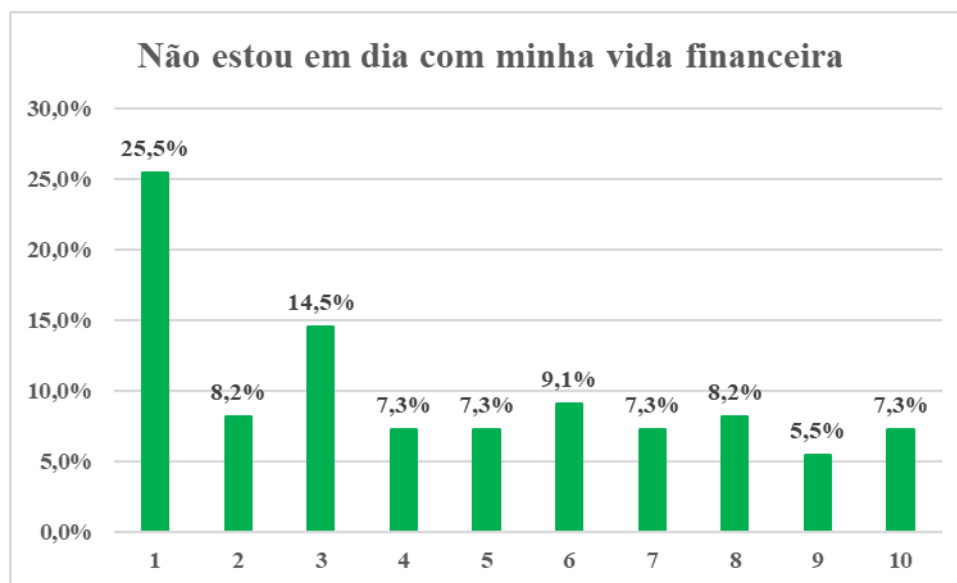
Gráfico 17 – Afirmativa 3



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A quarta afirmativa, “Não estou em dia com minha vida financeira”, obteve considerável nível de discordância, indicando uma maior predominância de respostas com níveis mais baixos de concordância. 28 indivíduos avaliaram com o nível 1 o seu grau de concordância com a afirmação da escala. 16 pessoas indicaram nível 3 para o item em estudo. O nível 2 foi responsável por 9 respondentes da pesquisa. 10 participantes avaliaram com o nível 6 sua convergência com a afirmativa. O nível 8 obteve 9 participações. Os níveis 4,5,7 e 10 foram responsáveis por 8 respostas cada e o nível de concordância menos cotado foi o 9 com apenas 6 participações.

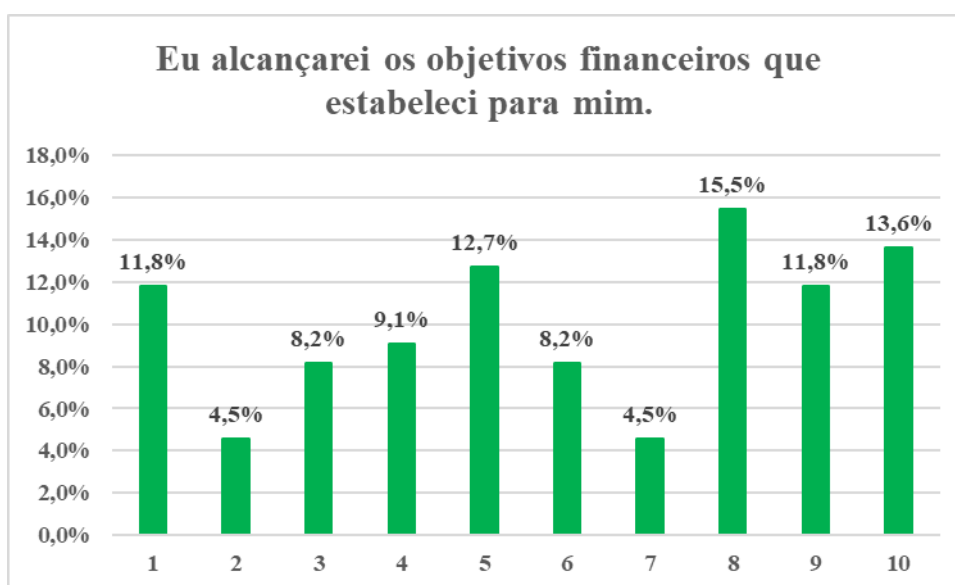
Gráfico 18 – Afirmação 4



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A quinta afirmação, “Eu alcançarei os objetivos financeiros que estabeleci para mim”, obteve convergência com a avaliação das pessoas que participaram da pesquisa. 17 indivíduos responderam com nível 8 o grau de concordância com a afirmativa. 15 participantes avaliaram com o nível 10 a afirmação. 15 respondentes avaliaram com o nível 5 seu grau de convergência. O nível 9 e o 1 obtiveram 13 participações cada. Já os níveis 4,3,6, 2 e 7 tiveram, respectivamente, 10,9,9,5 e 5 participantes no que se refere a concordância com a afirmativa da escala.

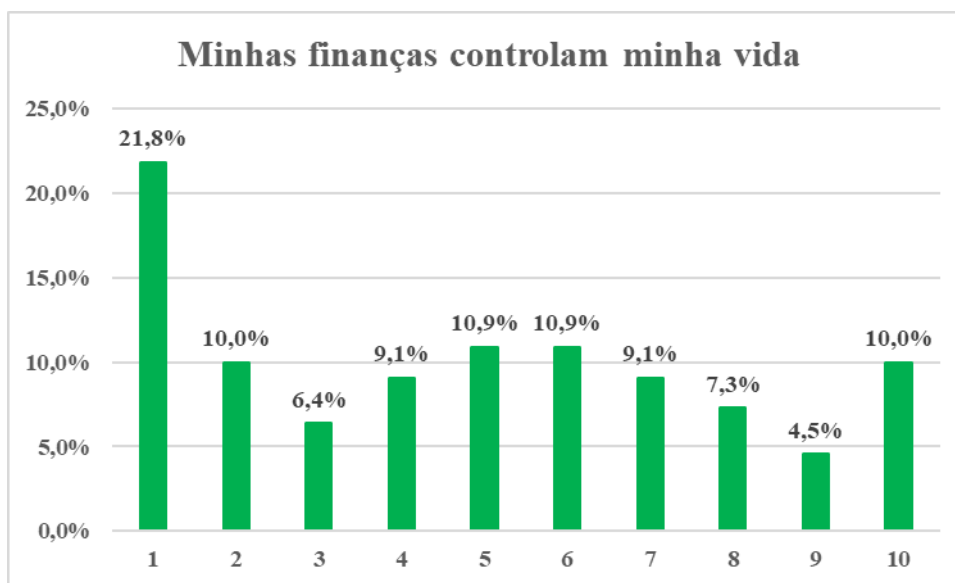
Gráfico 19 – Afirmação 5



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A sexta afirmação da escala utilizada, “Minhas finanças controlam minha vida”, O nível, mais baixo de concordância, foi o mais escolhido com 19 participantes. 17 pessoas indicaram ser o nível 6 a sua avaliação do item proposto. 16 participantes atribuíram nota 3. 12 pessoas escolheram como avaliação o nível 8. 12 indivíduos escolheram a nota 8. 11 estudantes optaram por avaliarem como 5 seu alinhamento com o item. 9 pessoas da pesquisa escolheram o 9 como referente ao seu perfil. Os níveis 2,4 e 8 obtiveram o mesmo número de respostas, 8 participantes cada. Por fim, o maior nível de concordância,10, foi responsável pelo menor número de respostas, 2 pesquisados.

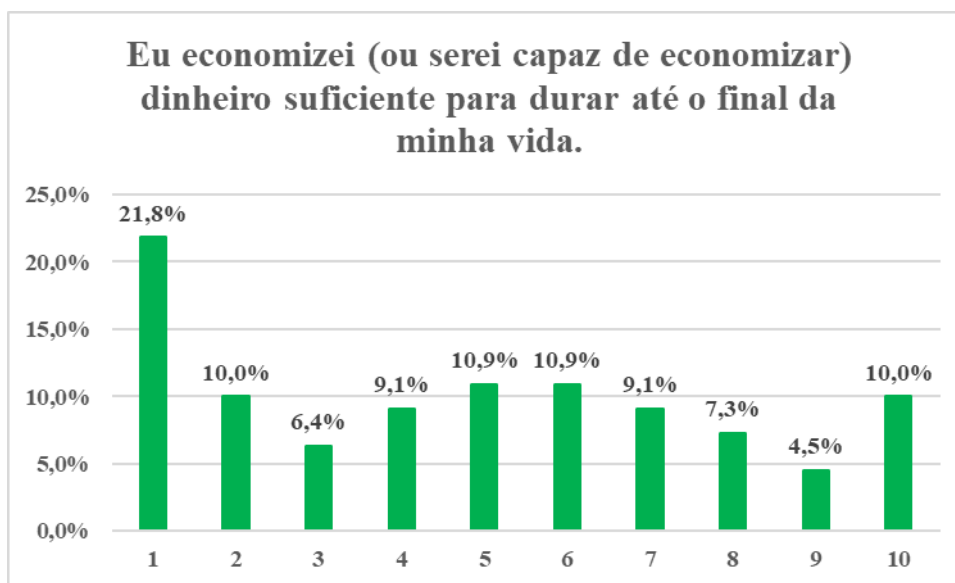
Gráfico 20 – Afirmação 6



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A sétima afirmação da pesquisa, “Eu economizei (ou serei capaz de economizar) dinheiro o suficiente para durar até o final da minha vida”, obteve distribuição, relativamente, equitativa entre os níveis propostos. O nível 1, o menor em termos de concordância, foi responsável por 24 respostas. Os níveis 5 e 6 obtiveram 12 participações cada. Os níveis 2 e 10, também, tiveram o mesmo número de participantes, neste caso 11 indivíduos. Os níveis 4 e 7 foram escolhidos por 10 pessoas cada um. 8 pessoas escolheram o nível 8. 7 pesquisados optaram pelo nível 3 e apenas 5 respondentes escolheram o nível 9 como sua avaliação de concordância com item colocado.

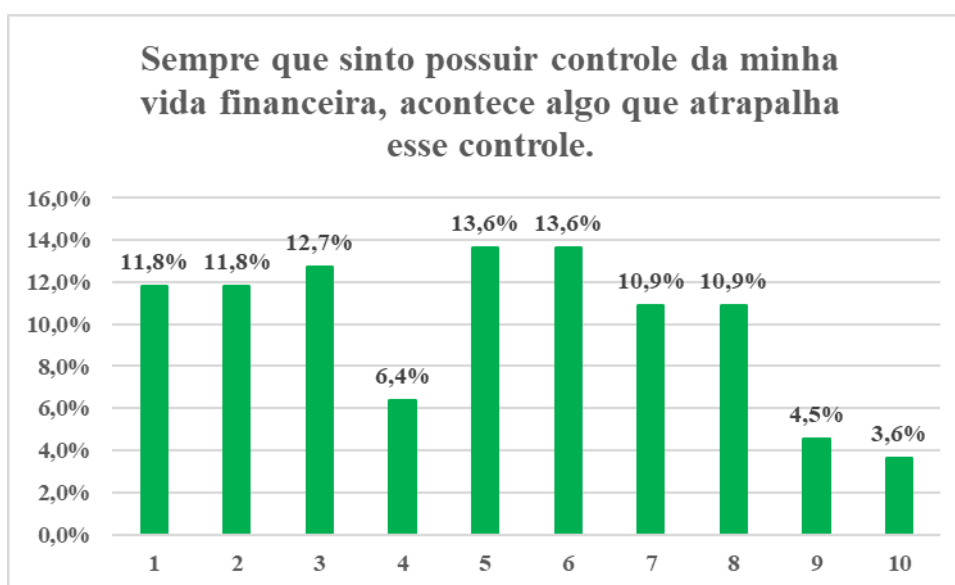
Gráfico 21 – Afirmação 7



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A oitava afirmativa da escala utilizada, “Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle”, assim como a afirmação anterior, obteve distribuição bem equilibrada na atribuição dos níveis. Os níveis 5 e 6 foram escolhidos por 15 pessoas cada. 14 respondentes escolheram o nível 3. Já os níveis 1 e 2 foram escolhidos por 13 pessoas. Os níveis 7 e 8 por 12. 7 universitários atribuíram seu nível de concordância como o 4. Por fim, os níveis 9 e 10 foram escolhidos, respectivamente, por 5 e 4 pesquisados.

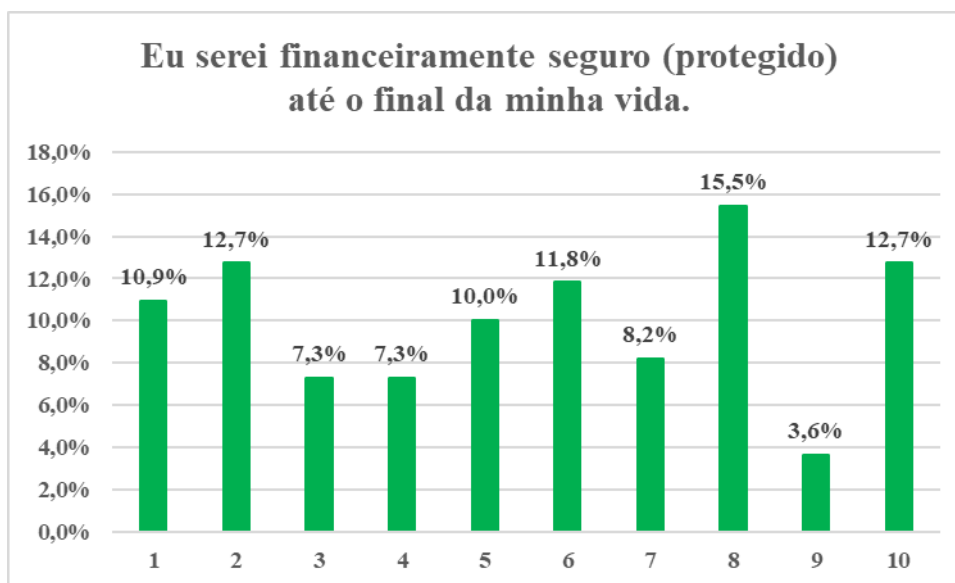
Gráfico 22 – Afirmação 8



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A nona afirmação, “Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida”, obteve 17 escolhas no nível 8. Os níveis 2 e 10 foram atribuídos por 14 pessoas em cada nível. 13 pesquisados optaram pelo nível 6. O nível 1 foi responsável pela participação de 12 estudantes do grupo amostral. 9 pessoas atribuíram o nível 7 como mais compatível com o a sua concordância com a afirmação. os níveis 3 e 4 obtiveram 8 respostas cada e o nível 9 foi menos escolhido com 4 participações.

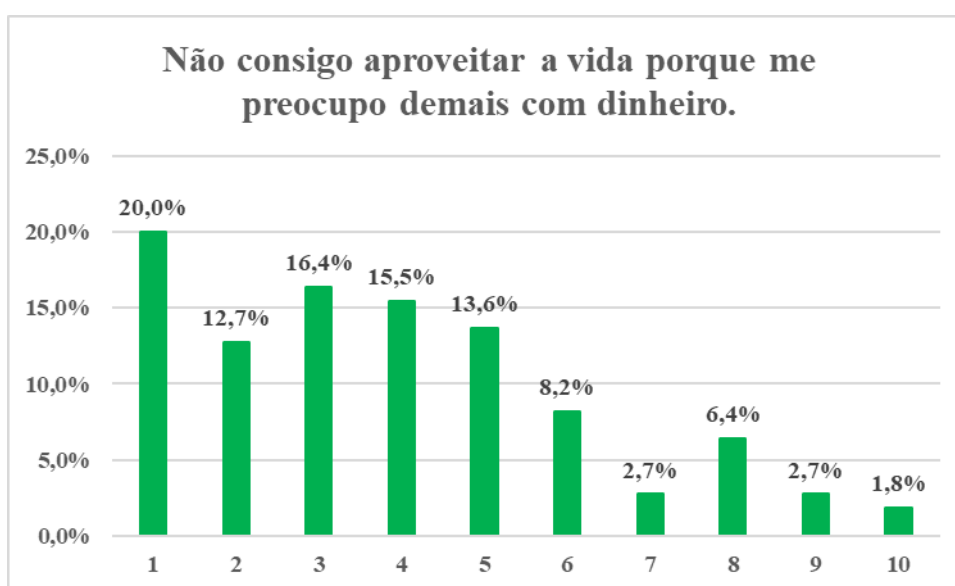
Gráfico 23 – Afirmação 9



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A décima afirmativa, “Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro”, foi discordada pela maioria dos avaliadores. 22 pessoas avaliaram como nota 1 sua concordância com a afirmação. Os níveis 3,4 e 5 receberam, respectivamente, 18,17 e 16 respostas. 14 indivíduos optaram pelo nível 2 de concordância. 9 participantes avaliaram como nota 6. 7 participantes com nível 8. Já os níveis 7 e 9 obtiveram o mesmo contingente de participantes, 3 indivíduos. Ademais, o menos escolhido foi o nível 10 com apenas 2 escolhas. Assim caracterizando a discordância massiva com a décima afirmação proposta.

Gráfico 24 – Afirmação 10



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

4.4 Análise da relação entre endividamento, tipo de endividamento e variáveis demográficas

Para a presente análise crítica dos resultados, o foco principal esteve direcionado para a apresentação de índices de correlação que atendessem os objetivos da pesquisa e tivessem relevância para tal. Nesse sentido, os índices expostos são referentes a componentes de correlação que representaram maior importância para o estudo.

Inicialmente, foram cruzadas as respostas dos participantes com suas afirmações sobre o seu bem-estar financeiro futuro. Através da análise, foi possível observar índices de correlação com significância relevantes inerentes aos empréstimos e ao uso do cheque especial. O nível de correlação com a obtenção de empréstimo foi de -0,209 e o de cheque especial de -0,242. Os índices indicam que quanto melhor é a avaliação da visão de futuro financeiro dos respondentes, menor é a obtenção de novos empréstimos e utilização de cheque especial. Ou seja, as variáveis apresentam correlação negativa.

Os resultados supracitados com a avaliação do Bem-estar financeiro futuro, corroboram as descobertas desenvolvidas nos estudos de Ponchio *et al* (2018), o qual inferem que comportamentos positivos, minimização de empréstimos e maior planejamento financeiro estão diretamente relacionados a maiores níveis de segurança financeira futura.

Tabela 1 - Correlação com a visão financeira futura

Variáveis	Correlação	Visão financeira futura
FFMED	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dívidas	Correlação de Pearson	-0,014
	Sig. (2 extremidades)	0,887
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	-0,17
	Sig. (2 extremidades)	0,075
Empréstimos	Correlação de Pearson	-,209*
	Sig. (2 extremidades)	0,029
Financiamentos	Correlação de Pearson	-0,022
	Sig. (2 extremidades)	0,82
Cheque Especial	Correlação de Pearson	-,242*
	Sig. (2 extremidades)	0,011
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	-0,175
	Sig. (2 extremidades)	0,068
Renda	Correlação de Pearson	0,148
	Sig. (2 extremidades)	0,122
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	-0,182
	Sig. (2 extremidades)	0,057
Estado civil	Correlação de Pearson	0,026
	Sig. (2 extremidades)	0,787
Idade	Correlação de Pearson	-0,166
	Sig. (2 extremidades)	0,083

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Outra variável que demonstrou índices de correlação relevantes foi o referente ao valor das dívidas dos respondentes. O item obteve correlações importantes com a aquisição de financiamentos, com a renda, tempo de endividamento e o estado civil. Todas estas foram relacionadas positivamente, em que o índice de correlação com o item financiamento foi de 0,452, indicando maiores níveis de endividamento associados a aquisição de financiamento. Já o item renda teve resultado de 0,208, o qual informa que pessoas com maiores rendimentos possuem uma maior capacidade na aquisição de dívidas com valores maiores. A variável tempo de endividamento foi de 0,358, alegando que quanto maior os valores das dívidas, maior será seu tempo de comprometimento dos seus rendimentos. Por fim, o estudo da correlação do valor das dívidas com o estado civil dos respondentes obteve 0,377, informando que as pessoas do grupo amostral que não eram solteiras, foram as portadoras dos maiores valores com as dívidas.

Nesse contexto, destaca-se o resultado da renda dos indivíduos com maiores numerários de dívidas, visto que estudos como o de Bricker *et al* (2012) e Zerrenner (2017) associaram maiores rendimentos a menores índices de endividamento. A diferença pode ser

explicada devido a característica analítica do índice de correlação de Pearson, o qual estabelece uma relação lógica e objetiva entre duas variáveis, que neste caso infere sobre a capacidade na aquisição de novas dívidas. Além disso, o contraste se dá devido a diferença em termos de tamanho e perfil sociodemográfico das amostras utilizadas nos estudos citados e desta pesquisa.

Tabela 2 - Correlação do valor das dívidas

Variáveis	Correlação	Valor das dívidas
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dívidas	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	0,036
	Sig. (2 extremidades)	0,711
Empréstimos	Correlação de Pearson	0,143
	Sig. (2 extremidades)	0,135
Financiamentos	Correlação de Pearson	,452**
	Sig. (2 extremidades)	0
Cheque Especial	Correlação de Pearson	0,157
	Sig. (2 extremidades)	0,101
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	-0,046
	Sig. (2 extremidades)	0,634
Renda	Correlação de Pearson	,208*
	Sig. (2 extremidades)	0,03
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	0
Estado civil	Correlação de Pearson	,377**
	Sig. (2 extremidades)	0
Idade	Correlação de Pearson	0,164
	Sig. (2 extremidades)	0,086

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A variável uso do cartão de crédito demonstrou índices de correlação consideráveis com as variáveis cheque especial e crescimento do endividamento nos últimos meses. Para o primeiro, o índice Pearson foi de 0,301 e para o segundo de 0,295. A partir disso, é possível dizer que o uso excessivo do cartão de crédito está relacionado ao uso do cheque especial e ao recente crescimento do endividamento do grupo amostral.

Os resultados são convergentes com os escritos de Pham e Dowling (2012), em que estes estudaram os componentes para a compreensão da atitude financeira dos consumidores e atribuíram o uso excessivo do cartão de crédito como um dos grandes geradores de endividamento, assim como a possibilidade de uso de recursos extras para honrar compromissos financeiros com este item inerentes a juros e parcelamento da fatura. Nesse sentido,

classificaram o gerenciamento e coerente uso do cartão de crédito como um dos componentes positivos da atitude financeira.

Tabela 3 - Correlação do uso do cartão de crédito

Variáveis	Correlação	Cartão de crédito
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	0,048
	Sig. (2 extremidades)	0,621
Financiamentos	Correlação de Pearson	-0,025
	Sig. (2 extremidades)	0,797
Cheque Especial	Correlação de Pearson	,301**
	Sig. (2 extremidades)	0,001
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	,295**
	Sig. (2 extremidades)	0,002
Renda	Correlação de Pearson	-0,051
	Sig. (2 extremidades)	0,597
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	0,115
	Sig. (2 extremidades)	0,232
Estado civil	Correlação de Pearson	-0,136
	Sig. (2 extremidades)	0,157
Idade	Correlação de Pearson	0,05
	Sig. (2 extremidades)	0,604

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O item “empréstimos” foi responsável por índices de correlações positivas com financiamentos, cheque especial, crescimento do endividamento, tempo do endividamento, estado civil e idade. A correlação com a variável financiamentos foi de 0,237, informando que os respondentes possuidores de financiamentos eram inclinados a maiores níveis de empréstimos. A variável cheque especial demonstrou relação positiva de 0,328, reforçando que quanto mais empréstimos o indivíduo adquire, maior a possibilidade de uso de suas reservas de cheque especial. Com relação ao crescimento do endividamento, a correlação foi de 0,200. Associando a aquisição de novos empréstimos ao crescimento do endividamento. O “tempo de endividamento” obteve correlação de 0,470, evidenciando a maior relação entre os empréstimos e o tempo de endividamento. Em relação ao estado civil, que foi responsável pela correspondência de 0,257, em que associou a maior realização de empréstimos a indivíduos

casados. Ademais, a idade representou correlação de 0,271, indicando maiores níveis de empréstimos a pessoas com idades mais avançadas.

Os resultados diferiram dos escritos acerca do endividamento relacionado a empréstimos, principalmente no que diz respeito a idade. Worth et al.(2010) indagaram que as pessoas com menor idade, dada as características pessoais associadas a maior necessidade de pertencimento social e status, menor estabilidade financeira e, de forma geral, menor estabilidade financeira tinham maior predisposição a se submeter a maiores riscos financeiros e possíveis dívidas. O fato pode ser explicado pela diferença numérica e demográfica entre os estudos e a presente pesquisa.

Tabela 4 - Correlação da Aquisição de empréstimos

Variáveis	Correlação	Empréstimos
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Financiamentos	Correlação de Pearson	,237*
	Sig. (2 extremidades)	0,013
Cheque Especial	Correlação de Pearson	,328**
	Sig. (2 extremidades)	0
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	,200*
	Sig. (2 extremidades)	0,037
Renda	Correlação de Pearson	0,035
	Sig. (2 extremidades)	0,72
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	,470**
	Sig. (2 extremidades)	0
Estado civil	Correlação de Pearson	,257**
	Sig. (2 extremidades)	0,007
Idade	Correlação de Pearson	,271**
	Sig. (2 extremidades)	0,004

Fonte: Elaborado pelo autor,2020.

O estudo da variável “financiamentos” obteve relação relevante com os itens tempo de endividamento, estado civil e idade. O tempo de endividamento gerou uma correlação de 0,448, associando os financiamentos a tempo mais duradouros de endividamento. O estado civil representou índice de 0,474, reforçando variáveis já apresentadas que relacionavam o estado civil a maior possibilidade de aquisição de financiamentos. A idade também está positivamente

associada aos financiamentos com correlação de 0,203. Nesse contexto, os resultados são alinhados com que estudo de Plagnol (2011), o qual descobriu que com o passar dos anos as pessoas com maior idade eram detentoras de maior estabilidade financeira, dada a tendência de acumulação de recursos ao longos dos anos, assim sendo mais capacitados para a aquisição de dívidas relacionadas a compras de bens de maior impacto financeiro como imóveis, carro e afins.

Tabela 5 - Correlação da aquisição de financiamentos

Variáveis	Correlação	Financiamentos
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Financiamentos	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Cheque Especial	Correlação de Pearson	0,046
	Sig. (2 extremidades)	0,631
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	0,102
	Sig. (2 extremidades)	0,291
Renda	Correlação de Pearson	0,057
	Sig. (2 extremidades)	0,556
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	,448**
	Sig. (2 extremidades)	0
Estado civil	Correlação de Pearson	,474**
	Sig. (2 extremidades)	0
Idade	Correlação de Pearson	,203*
	Sig. (2 extremidades)	0,033

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Os dados sobre o “cheque especial” demonstraram correlação relevante com tempo de endividamento e idade. O primeiro foi de 0,272 e o segundo de 0,273. Nesse contexto, evidenciando a tendência de maior períodos de endividamento inerentes ao uso do cheque especial, principalmente com pessoas com mais idade. Reforçando o que Plagnol (2011) inferiu, é possível analisar que aquisição de dívidas maiores como financiamentos, prolonga o tempo de endividamento dos estudantes com esse perfil. Além disso, no longo prazo, maiores riscos no que diz respeito a utilização de fundos emergenciais como o cheque especial.

Tabela 6 - Correlação com o uso de cheque especial

Variáveis	Correlação	Cheque especial
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Financiamentos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cheque Especial	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	0,094
	Sig. (2 extremidades)	0,329
Renda	Correlação de Pearson	0,123
	Sig. (2 extremidades)	0,202
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	,272**
	Sig. (2 extremidades)	0,004
Estado civil	Correlação de Pearson	0,153
	Sig. (2 extremidades)	0,109
Idade	Correlação de Pearson	,273**
	Sig. (2 extremidades)	0,004

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Os resultados sobre o “crescimento do endividamento” mostraram correlação importante com o tempo de endividamento, em que esta obteve o valor de 0,342, reafirmando a ideia de que o crescimento dos níveis de endividamento impacta de forma direta o maior tempo de comprometimento com este item.

Tabela 7 - Correlação do Crescimento do endividamento

Variáveis	Correlação	Cresc. Endividamento
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Financiamentos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cheque Especial	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Renda	Correlação de Pearson	-0,046
	Sig. (2 extremidades)	0,63
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	,342**
	Sig. (2 extremidades)	0
Estado civil	Correlação de Pearson	-0,126
	Sig. (2 extremidades)	0,19
Idade	Correlação de Pearson	0,062
	Sig. (2 extremidades)	0,519

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A análise da variável “renda” demonstrou forte relação com o estado civil e a idade dos respondentes. O item estado civil obteve índice de 0,255, relacionando as maiores rendas as pessoas casadas. Com relação a idade, a correlação foi de 0,311, mais uma vez mostrando a relação de maior idade a maiores rendimentos. Reforçando o que foi ilustrado por outros autores, Sumarwan (1990) também relaciona a pessoas maior idade e casadas, maiores níveis de renda e patrimônio, indicando as consolidações profissional, pessoal e financeira com o passar do tempo.

Tabela 8 - Correlação da renda

Variáveis	Correlação	Renda
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Financiamentos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cheque Especial	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Renda	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	0,036
	Sig. (2 extremidades)	0,707
Estado civil	Correlação de Pearson	,255**
	Sig. (2 extremidades)	0,007
Idade	Correlação de Pearson	,311**
	Sig. (2 extremidades)	0,001

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O “tempo de endividamento” obteve relação positiva com relevância com os itens de estado civil e idade. O primeiro foi de 0,382 e o segundo de 0,280. Deixado evidenciado a ocorrência de maiores períodos de endividamento associados e pessoas casadas e de maior idade, dentro do grupo amostral. Para Penn (2007) a presença de filhos e o avanço da idade é relacionada a aquisição de novas responsabilidades financeiras e aumento no volume de gastos com as despesas correntes e planejamento futuro, sendo assim condizente com o aumento do tempo de endividamento obtido na pesquisa prática.

Tabela 9 - Correlação do tempo de endividamento

Variáveis	Correlação	Tempo endividamento
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Financiamentos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cheque Especial	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Renda	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Estado civil	Correlação de Pearson	,382**
	Sig. (2 extremidades)	0
Idade	Correlação de Pearson	,280**
	Sig. (2 extremidades)	0,003

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Por fim, a variável estado civil esteve relacionada com a idade. O índice de Pearson foi de 0,579, evidenciado que os indivíduos mais velhos do grupo amostral, em sua maioria, eram casados. Assim, deixando claro a importância dos estudos supracitados nos quadros anteriores, os quais associaram o avanço a idade a aquisição de novas responsabilidades financeiras, mas também pessoais como a criação e educação dos filhos.

Tabela 10 - Correlação do estado civil

Variáveis	Correlação	Estado civil
FFMED	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Valor das dividas	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Empréstimos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Financiamentos	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cheque Especial	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Renda	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	
	Sig. (2 extremidades)	
Estado civil	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
Idade	Correlação de Pearson	,579**
	Sig. (2 extremidades)	0

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Os dados são condizentes com que infere Diniz (2013) que discorre sobre as variáveis que são capazes de influenciar o bem-estar financeiro, as quais relacionadas a idade, estado civil, fatores demográficos, fatores econômicos e fatores pessoais, mostrando que mudanças em uma dessas variáveis pode afetar o bem-estar financeiro das pessoas. Além disso, ilustrando que a avaliação do BEF não é fixa, mas sim dinâmica de acordo com os fatos ocorridos ao longo dos anos.

Ademais, quando comparados os resultados analisados com os componentes financeiros do bem-estar financeiro estabelecido pela Comissão de Valores Mobiliarias (CVM): Controle financeiro, tranquilidade financeira, objetivos de vida e liberdade financeira, é possível afirmar que os respondentes da pesquisa são mais afetados pelo controle financeiro e pela tranquilidade financeira. Considerando o controle financeiro como a capacidade de consumir de forma consciente, ter conhecimento detalhado das despesas correntes e futuras e desenvolver planejamento financeiro de longo prazo (CVM,2020), é válido citar que as pessoas com avaliação do bem-estar financeiro futuro pessimista foram afetadas por esse componente.

Com relação a tranquilidade financeira, associada a capacidade das pessoas em passar por situações financeiras inesperadas como doenças, desemprego e acidentes (CVM, 2020), as respostas indicaram uma carência no que diz respeito a este componente, visto um dos maiores fatores para a ocorrência de endividamento estiveram relacionados a causas oriundas de situações pontuais e inesperadas como pandemias, acidentes e, principalmente, surgimento de novas necessidades.

Quadro 2 – Principais resultados da pesquisa

Principais Resultados
Indivíduos com maiores níveis de endividamentos foram mais propensos a avaliar negativamente e terem perspectivas mais pessimistas em relação ao BEF futuro.
Pessoas com empregos formais, maiores rendas, casadas e com a presença de filhos foram mais inclinados a maiores quantidades de dívidas.
O cartão de crédito figurou com um dos principais itens no tange ao comprometimento de renda e de intenção para a realização de novas dívidas.
As principais razões para a realização de dívidas estiveram relacionadas ao surgimento de novas necessidades, desemprego, separação, falta de controle orçamentário e compras por impulso.
Os respondentes que avaliaram de forma positiva o seu bem-estar financeiro futuro, possuíram menores índices de endividamento.
A existência de dívidas afeta de forma maléfica a avaliação do bem-estar financeiro

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal estudar a relação entre o endividamento e o bem-estar financeiro de estudantes universitários. Para o alcance do objetivo, foi utilizado como ferramenta de coleta de dados formulário online e análise estatística dos dados, principalmente através do uso da correlação. A partir dos resultados coletados, conclui-se que o estudo alcançou sua proposta, identificando uma influência positiva entre o endividamento e o bem-estar financeiro do grupo amostral, demonstrando que os indivíduos mais endividados foram mais propensos a avaliar negativamente e terem perspectivas mais pessimistas sobre seu estado de bem-estar financeiro.

Já com relação a perspectiva dos objetivos específicos, em mensurar o endividamento dos indivíduos, identificar a percepção do seu bem-estar financeiro e relacionar as duas variáveis também foi alcançado, visto que, através das indagações propostas no questionário e posteriormente analisadas, foi possível entender o perfil de endividamento dos respondentes a luz da teoria desenvolvida, demonstrando, por exemplo, que o fator renda refletiu de modo decisivo no volume e propensão ao endividamento, no qual pessoas com empregos formais, empreendedores e com maior renda tinham mais capacidade e tendência as dívidas. Assim como pessoas casadas e com a existência de filhos também eram inclinados a maiores quantidades de dívidas. O cartão de crédito, em convergência com os dados atuais sobre o endividamento familiar brasileira na seção introdutória, figurou como um dos principais itens no que tange ao comprometimento de renda e na intenção para realização de novas dívidas. As motivações para a aquisição de novas dívidas foram associadas, predominantemente, a surgimento de novas necessidades, gastos imprevistos como desemprego, separação, doenças e fatores econômicos, falta de controle orçamentário e compras por impulso.

Quanto a avaliação do bem-estar financeiro, identificou-se que os respondentes que atribuíram avaliações positivas no que diz respeito a seu futuro e segurança financeira, assim como sobre seu stress e gerenciamento monetário atual, tenderam a possuir menores índices de endividamento pessoal. Consequentemente, também foi possível inferir que a presença de dívida afeta de forma maléfica a avaliação do bem-estar financeiro presente dos participantes da pesquisa e, principalmente, a perspectiva financeira futura das pessoas, na qual quanto maiores os níveis de endividamento menor é a avaliação positiva do bem-estar financeiro.

Os resultados obtidos contribuem para um maior conhecimento da gestão financeira pessoal dos indivíduos de modo que seja possível observar e corrigir possíveis indicadores de endividamento, através da compreensão do perfil de endividamento das pessoas, dos principais

causadores da problemática, e dos comportamentos considerados positivos no que diz respeito ao controle e gerenciamento das finanças pessoais.

A contribuição também é válida para empresas que atendem o público estudado, visto que, através da análise dos dados expostos, é possível um melhor planejamento e atendimento das necessidades desses clientes através da tomada de decisão de forma mais balizada em dados que agregam as principais falhas e potenciais financeiros do seu público-alvo.

Além disso, a pesquisa tem relevância para possível uso em políticas públicas associadas a conscientização e mapeamento dos problemas financeiros inerentes as famílias brasileiras, de modo que seja possível a realização de ações públicas efetiva, objetivando minimizar as consequências dos problemas relacionados ao endividamento, além de educar e induzir as pessoas a práticas financeiras que agreguem melhores condições pra a vida financeiras das famílias.

Acerca da literatura explorada na presente pesquisa, é perceptível a importância e crescimento sobre as temáticas inerentes a endividamento, problemas e saúde financeiro das pessoas, visto que o referido tem a capacidade de afetar de forma considerável as mais variadas áreas da vida pessoal dos indivíduos. Apesar disso, o constructo bem-estar financeiro é de presença recente na literatura sobre problemáticas financeiras, sendo sua origem em nível de artigos e escritos, principalmente oriundos de pesquisas estrangeiras, sobretudo as norte-americanas. Nesse contexto, sendo uma limitação em termos de quantidade de materiais e adaptação para a realidade local.

Diante o exposto, é valido para as próximas pesquisa uma maior exploração e aprofundamento da temática tendo como base escritos e teorias nacionais visando um melhor direcionamento e obtenção de conclusões mais direcionadas. Também, é recomendável a realização de pesquisa qualitativa com os estudantes, explorando os traços comportamentais do endividamento de forma mais descritiva. Além disso, orienta-se para outras pesquisas, um maior alcance do grupo amostral, em nível numérico, o qual limitado no presente trabalho sobretudo devido a problemas de saúde pública inerentes a presença do vírus Covid-19 que impactou de forma direta a atuação mais presencial para a aplicação e desenvolvimento do estudo.

REFERÊNCIAS

- ABECS. **A revolução dos meios de pagamento**. Disponível em:
<<https://www.abecs.org.br/noticia/a-revolucao-dos-pagamentos-da-moeda-ao-smartphone>>.
Acesso em 03.Fev 2020.
- AMORIM, G. **Endividamento familiar, inflação e vendas. Análise conjuntural**. v. 35, n. 5-6, maio/jun. 2013.
- AVDZEJUS, E. E.; SANTOS, A. C.; SANTANTA, J. O. Endividamento Precoce: Uma Análise da Concessão de Crédito e dos Fatores que Influenciam no Endividamento de Jovens Universitários da Faculdade UNIME no Município de Lauro de Freitas/BA. Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. **Anais do IX SEGeT**. Rio de Janeiro, 2012.
- BRICKER , J. KENNICKELL, A. B., MOORE, K. B.SABELHAUS. J . Changes in U.S. family finances from 2007 to 2010: evidence from the Survey of Consumer Finances. **Federal reserve Bulletin**.98(2), 1-80, 2012.
- BRUGGEN, E.C. HOGREVE, J. HOLMUND, M. KABADAYI, S. LOFGREN, M. Financial well-being: A conceptualization and research agenda. **Journal of business research**. 79 228-237. Elsevier, 2017.
- CAMPARA, J.P VIEIRA, K.M. CERETTA, P.S. Entendendo a atitude ao endividamento: Fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas o determinam? . **Revista eletrônica de Ciência Administrativa**. v.15.n.1. p. 5-24. Curitiba, 2016.
- CARVALHO, H.A. SOUSA, F.G.P. FUENTES, V.L.P. Representação social do endividamento individual. **Revista pensamento contemporâneo em administração**. v.11.n.1 - 100-115, Rio de Janeiro, 2017.
- CHAWLA, R. K. UPPAL, S. Household debt in Canada. Statistics Canada Catlogue. **Perspectives on Labour and Income**, no. 75-0001-X, Sumer, 2012.
- CLAUDINO, L. P.; NUNES, M. B.; OLIVEIRA, A. R. CAMPOS, O. V.. Educação Financeira e endividamento: um estudo de caso com servidores de uma instituição pública. **XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS**. Porto de Galinhas, PE, Brasil, 2009.
- COHEN, J. Statistical power analysis for the behavioral sciences. **Hillsdale**, NJ, Erlbaum, 1988.
- Comissão de Valores Mobiliários. Programa Bem-estar financeiro. Disponível em:
< https://www.investidor.gov.br/menu/Menu_Academico/Programa_Bem-Estar_Financeiro/Programa_Bem-Estar_Financeiro.html>
Acesso em 25. Fev 2020.

- CONTRERAS V. L. DE LA FUENTE T. C.FUENTEALBA C. J.GARCÍA C. A.SOTO G. M. DELAFROOZ, N., & PAIM, L. H. Determinants of financial wellness among Malaysia workers. **African Journal of Business Management**,2011. 5(24), 10092-10100.
- DALSON, B.F.F. SILVA, J.A.J. Desvendando os mistérios do coeficiente de correlação de Pearson. **Revista política Hoje**. Vol.18, n.1, 2009.
- DENEGRI, M. **Introducción a la Psicología Económica**. Bogotá: PSICOM Editores, 2007.
- DINIZ, A.P.C. **Bem-estar financeiro**: Uma análise multifatorial do comportamento maranhense. 2017. Dissertação (mestrado em administração) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017.
- FRAGA, L.S. VIEIRA, K.M. CERETTA, P.S. PARABONI, A.L. Bem-estar financeiro: Uma análise sob a perspectiva da renda. **Revista de finanças Aplicadas**. V. 7, N.4, 2016. pp.1-28.
- GARLING, T. KIRCHLER, E., LEWIS, A. VAN RAAIJ, F . Psychology, Financial Decision Making, and Financial Crises. **Psychological Science in the Public Interest**, 10 (1): 1-47, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** .7. ed. - São Paulo : Atlas, 2019.
- GUTTER, M. COPUR, Z. Financial behaviors and financial well-being of college students: Evidence from a national survey. **Journal of Family and Economic Issues**, 2011, 32(4), 699-714.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. Conheça as dicas do IDEC para evitar o endividamento e a inadimplência. Disponível em: <https://www.idec.org.br/consultas/dicase-direitos/conheca-as-dicas-do-idec-para-evitar-o-endividamento-e-a-inadimplencia>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- JOO, S. **Personal financial wellness**. In **Handbook of consumer finance research**. 2009, pp. 21-33. Springer New York.
- KEESE, M. Who feels constrained by high debt burdens? – Subjective vs. objective measures of household indebtedness. **Social Science Research Network**, 2012. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1592417>. Acesso em: 28. Fev. 2020.
- KILBOURNE, W. LAFORGE, M. C. Materialism and Its Relationship to Individual Values. **Psychology & Marketing**, v. 27, p. 780-798, 2010.
- KLAPPER, L. LUSARDI, A. PANOS, G.A. Financial literacy and its consequences: Evidence from Russia during the financial crisis. **Journal of Banking and finance**. 3904- 3923, 2013.

KUNKEL, F. I. R. VIEIRA, K.M. POTRICH, A.C.G. Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores. **Rev. Adm.** (São Paulo) v.50, n. 2, p. 169-182, jun., São Paulo, 2015.

LEACH, L. J. HAYHOE, C. R. TURNER, P. R. **Factors affecting perceived economic well-being of college students: A gender perspective.** *Financial Counseling and Planning*. 10(2), 11-23, 1999.

LEVITAN, M., & WIELER, S. Poverty in New York City: The influence of demographic change, income growth, and income inequality. **Economic Policy Review**. 14(1), 1-18, 2008.

LOIOLA, L. D. P. **O estresse financeiro em dois grupos de profissionais brasileiros.** [Dissertação de Mestrado] Administração de Empresas - Fundação Getulio Vargas. São Paulo, 2014.

LOWN, J. M. JU, I. S. A model of credit use and financial satisfaction. **Financial Counseling and Planning**. 3(1), 105-124, 1992.

LUCKE, V. A. C., FILIPIN, R., BRIZOLLA, M. M. B. & Vieira, E. P. Comportamento financeiro pessoal: um comparativo entre jovens e adultos de uma cidade da região noroeste do estado do RS. **Anais dos Seminários em Administração Brasil**, 17. São Paulo, 2014.

Lyons, A. C. (2007). Credit practices and financial education needs of Midwest college students. *Social Science Research Network*. 23(1).Disponível em: <<http://www.acrwebsite.org/search/view-conference-proceedings.aspx?Id=6915>> Acesso em 02.Fev.2020.

MARQUES, C. L. CAVALLAZZI, R. L. Direitos do consumidor Endividado: superendividamento e crédito. **RT**, P. 256. São Paulo, 2006.

MINELLA, J.M. BERTOSSO, H. PAULI, J. CORTE, V.F.D. A influência do materialismo, educação financeira e valor atribuído ao dinheiro na propensão ao endividamento de jovens. **Revista Gestão e Planejamento**. Salvador, v. 18, p. 182-201, jan./dez. 2017.

MOURA, A. G. **Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda dos municípios de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) Fundação Getulio Vargas. São Paulo, 2005.

MULLER, K. O. **Sociedade de consumo e cultura do endividamento:** estudo de caso sobre compradores compulsivos em Porto Alegre, RS. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PARKER, R. S. HAYTKO, D. L. HERMANS, C. M. Individualism and collectivism: reconsidering old assumptions. **Journal of International Business Research**, 8(1), 127-139, 2011.

PENN, D. Financial well-being in an urban area: an application of multiple imputation. **Applied Economics**, 41(23), 2955-2964, 2009.

- PEREIRA, J.M. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. – 4. ed. - [3. Rempr.. – São Paulo: Atlas, 2019.
- PHAN, T. H. DOWLING, N. A. The impact of financial management practices and financial attitudes on the relationship between materialism and compulsive buying. **Journal of Economic Psychology**, 33(3), 461-470, 2012.
- PLAGNOL, A. C. **Financial satisfaction over the life course: The influence of assets and liabilities**. **Journal of Economic Psychology**. 32(1), 45-64, 2011.
- PONCHIO, M.C. CORDEIRO, R.A. GONÇALVES, V.N. Validação da escala perceived financial Well-being no contexto brasileiro. **EMA, ANPAD**. Porto Alegre, 2018.
- PRODANOV, C .C. **Metodologia do trabalho científico recurso eletrônico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RINCHINS, M.L. DAWSON, S. A consumer values orientation for materialism and its measurement: Scale development and validation. **Journal of consumer research**, v.19. n.3, p. 303-316, 1992.
- RUBERTO, I.V.G. VIEIRA, K.M. BENDER, R.F. SILVEIRA, V.G. A influência dos fatores macroeconômicos sobre o endividamento das famílias brasileiras no período de 2005 – 2012. **Revista Estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n37, p.58-77, jan./jun. 2013.
- SHOCKEY, S. S. **Low-wealth adults financial literacy. Money management behavior and associates factors, including critical thinking**. Doctoral dissertation, Universidade de Utah, 2002. Salt Lake City, Utah, Estados Unidos.
- SILVA, S.S.F. **Educação financeira versus o endividamento pessoal: Um estudo de caso com os colaboradores de um comércio de alimentos Fortaleza / Ce**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade de Fortaleza. Curso de ciências contábeis, 2017.
- SLOMP, J. Z. F.. Endividamento e consumo. **Revista Relações de Consumo**, (108), 109-131, 2008.
- SORDI, J. O. Desenvolvimento de projeto de pesquisa. – 1.ed. – São Paulo: Saraiva, 2017.
- SUMARWAN, U.A. **Managerial System Approach To Factors Influencing Satisfaction With Households' Financial Status**. Doctoral dissertation. Iowa State University, Ames, 1990, Iowa.
- TEIXEIRA, E. F. Jovem Universitário e o Crédito. **Revista Conversas & Controvérsias**, v. 1, n. 1, p. 57-78, 2010.
- TOLOTTI, M. **As armadilhas do consumo: saia do vermelho e comece a investir**. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Histórico e missão. Disponível em: <<https://feaac.ufc.br/pt/sobre-a-faculdade-de-economia-administracao-atuaria-e-contabilidade/historico-e-missao/>> Acesso em 26.Out 2020

VALOR ECONÔMICO. Juro menor puxa endividamento das famílias. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/02/03/juro-menor-puxa-endividamento-das-familias.ghtml>> Acesso em 04 Fev. 2020

VIEIRA, E.G.F. KILIMNIK, Z.M. SANTOS, S.P.N. Qualidade de vida e endividamento: Estilos de vida associados ao descontrole financeiro e consequências na vida pessoal e profissional. **Reuna**, v.21, n.2, p.23-62. Belo Horizonte, 2016.

VIEIRA, J. F. **A relação entre endividamento e falta de planejamento financeiro pessoal em um grupo de acadêmicos de sétima fase de uma universidade do município de Criciúma–SC**. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Administração) Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Santa Catarina, 2014.

VILAIN, J. S. PEREIRA, M. F. O impacto do status no planejamento financeiro pessoal: estudo de caso com os advogados de Florianópolis, Santa Catarina. **Gestão e Planejamento**, v. 14, n. 3, p. 470-488, 2013.

VLAEV, I., & ELLIOTT, A. Financial Well-Being Components. **Social Indicators Research**.118(3), 1103-1123, 2014.

WANG, L. B. LU, A. W. MALHOTRA, N. K. Demographics, attitude, personality and credit card features correlate with credit card debt: a view from China. **Journal of Economic Psychology**. 32(1), 179-193, 2012.

WEISTEIN, A. Compulsive buying. **The American Journal of Drug and alcohol abuse**. 248-253, 2012.

WORTHY, S. L. JONKMAN, J. BLINN-PIKE, L. Sensation-seeking, risk-taking, and problematic financial behaviors of college students. **Journal of Family and Economic**.31(2), 161-170, 2010.

ZERRENNER, S. A. **Estudo sobre as razões para a população de baixa renda**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

APÊNDICE A -TABELA DE CORRELAÇÃO GERAL DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Variáveis	Correlação	Visão financeira futura	Valor das dívidas	Cartão de crédito	Empréstimos	Financiamentos	Cheque especial	Cresc. Endividamento	Renda	Tempo endividamento	Estado civil	Idade
FFMED	Correlação de Pearson	1										
	Sig. (2 extremidades)											
Valor das dívidas	Correlação de Pearson	-0,014	1									
	Sig. (2 extremidades)	0,887										
Cartão de crédito	Correlação de Pearson	-0,17	0,036	1								
	Sig. (2 extremidades)	0,075	0,711									
Empréstimos	Correlação de Pearson	-209*	0,143	0,048	1							
	Sig. (2 extremidades)	0,029	0,135	0,621								
Financiamentos	Correlação de Pearson	-0,022	452**	-0,025	237*	1						
	Sig. (2 extremidades)	0,82	0	0,797	0,013							
Cheque Especial	Correlação de Pearson	-242*	0,157	301**	328**	0,046	1					
	Sig. (2 extremidades)	0,011	0,101	0,001	0	0,631						
Cresc endividamento	Correlação de Pearson	-0,175	-0,046	295**	200*	0,102	0,094	1				
	Sig. (2 extremidades)	0,068	0,634	0,002	0,037	0,291	0,329					
Renda	Correlação de Pearson	0,148	208*	-0,051	0,035	0,057	0,123	-0,046	1			
	Sig. (2 extremidades)	0,122	0,03	0,597	0,72	0,556	0,202	0,63				
Tempo endividamento	Correlação de Pearson	-0,182		0,115	470**	448**	272**	342**	0,036	1		
	Sig. (2 extremidades)	0,057	0	0,232	0	0	0,004	0	0,707			
Estado civil	Correlação de Pearson	0,026	377**	-0,136	257**	474**	0,153	-0,126	255**	382**	1	
	Sig. (2 extremidades)	0,787	0	0,157	0,007	0	0,109	0,19	0,007	0		
Idade	Correlação de Pearson	-0,166	0,164	0,05	271**	203*	273**	0,062	311**	280**	579**	1
	Sig. (2 extremidades)	0,083	0,086	0,604	0,004	0,033	0,004	0,519	0,001	0,003	0	